

LETÍCIA TANCREDO GALLOTTI

O PROGRESSIVO: comparando o PB e o Francês

Florianópolis

2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

O PROGRESSIVO: comparando o PB e o Francês

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Roberta Pires de Oliveira

Florianópolis

2004

Ficha Bibliográfica:

GALLOTTI, L. T. O Progressivo: comparando o PB e o Francês. 2004. 106f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Curso de Pós-Graduação em Lingüística. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis – SC.

Este trabalho segue as orientações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).
UFSC/CCE/PGLg

LETÍCIA TANCREDO GALLOTTI

O PROGRESSIVO: comparando o PB e o Francês

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura
Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Linguística da UFSC

Banca Examinadora:

Profª Drª Roberta Pires de Oliveira
Universidade Federal de Santa Catarina
Orientadora

Profª Drª Teresa Wachowicz
Universidade Federal do Paraná

Prof. Dr. Dário Fred Pagel
Universidade Federal de Santa Catarina

Profª. Drª. Juçá Fialho Vazzata-Dias
Faculdade Decisão
Suplente

Florianópolis, 11 de março de 2004.

Agradecimentos

À CAPES, pelo apoio financeiro durante estes dois anos de estudo e pelo incentivo à pesquisa.

À Pós-Graduação em Linguística pela concessão da bolsa e qualidade do curso.

À professora Roberta, pela credibilidade depositada em mim, pelas diversas orientações, desde a bolsa de iniciação científica e pela dedicação.

Aos professores Ronaldo Lima, André Berri e Marie-Hélène Torres pelas conversas e sugestões.

Aos membros da banca, pela aceitação do convite.

Ao professor Paul Laurendeau (Canadá), que mesmo sem me conhecer se prontificou a enviar material sobre o progressivo em francês.

Aos colegas Ina, Regina, Juliana, Letícia, Noêmia e Cláudio pela amizade e ajuda.

À minha família, em especial meu pai, mãe, irmãs, marido, avó, cunhados, sogros, cachorro, por tudo: pelo incentivo, pelo amor, pela paciência, pela revisão, pelo abstract, pelos livros emprestados.

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo a perífrase progressiva do português brasileiro (PB) *estar + ndo* e a perífrase tradicionalmente considerada seu equivalente na língua francesa. Apesar de a literatura afirmar não existir a forma progressiva para o francês, nosso argumento é que esta forma é possível, porém não usual. Deste modo, não só o *être en train de*, mas principalmente o presente simples, pode caracterizar a progressividade, sendo usado, até, com mais frequência, tornando-se outro objeto deste estudo. Um dos principais pontos do trabalho é mostrar que o *estar + ndo* tem duas leituras possíveis: uma cursiva, que descreve apenas um evento em seu desenvolvimento, e outra habitual, que descreve a recorrência de um mesmo evento (mas com características distintas do hábito expresso pelo presente simples em PB); ao passo que o presente simples do francês, além das duas interpretações similares às do PB, faz também generalizações não-acidentais. Também a perífrase *être en train de* é capaz de gerar as interpretações cursiva e habitual, apesar de não poder expressar generalização. Para esta discussão, uma breve revisão dos assuntos relacionados à progressividade, como o tempo, o aspecto, os eventos, é feita. Soluções para o paradoxo do imperfectico, fenômeno observado com sentenças na forma progressiva, como as de Dowty (1977) e Parsons (1990) são apresentadas e discutidas. Argumentamos que a proposta de Parsons é mais adequada.

PALAVRAS-CHAVE: progressividade, aspecto, semântica, PB, francês.

ABSTRACT

We aim to study the progressive construction *estar + ndo* in Brazilian Portuguese (BP) and the traditionally considered equivalent expression in French. Although the current literature does not conceive a progressive form in French, we propose that this is possible, only not customary. Both *être en train de* and French simple present can express progressiveness, the latter being used more often, and it is another objective of our concern. One of the main points is to show that *estar + ndo* has two possible meanings: one episodic, describing the development of an event, and the other an habitual, referring to a recurrent event, with distinct characteristics from the habitual reading expressed by simple present in BP. On the other hand, French simple present, beyond the two similar interpretations to BP, can also make non-accidental generalizations. The expression *être en train de* can take episodic and habitual interpretations, but cannot generalize. The first section briefly reviews the topics related to progressiveness, like time, aspect and events. The second section is a comparison between the progressive in BP and in French. Solutions to the imperfective paradox, a phenomenon observed in the description of sentences in the progressive form, like those from Dowty (1977) and Parsons (1990), are presented and discussed in the last section, when we argue that Parsons' solution is more adequate.

KEY-WORDS: progressiveness, aspect, semantic, BP, French.

ÍNDICE

Introdução	10
------------------	----

Capítulo 1: Noções teóricas básicas:

1.1 - Sobre o tempo.....	14
1.1.2 – As noções de Reichenbach (1947)	15
1.2- Apontamentos sobre o aspecto	18
1.2.1 – O aspecto perfectivo	22
1.2.2 – O aspecto imperfectivo	23
1.2.3 – O aspecto semelfactivo ou episódico	26
1.2.4 – O aspecto iterativo	27
1.2.5 – O aspecto habitual	28
1.2.6 – Sentenças genéricas	30
1.3 – De volta ao imperfectivo	31
1.3.1 – O paradoxo do imperfectivo	32
1.4 – A classificação de Vendler (1967).....	33
1.5 - Sobre os eventos	36

Capítulo 2: Descrições do PB e do Francês:

2.1 – O progressivo em PB e suas características	41
2.1.1 – A interpretação cursiva.....	45
2.1.2 – A interpretação habitual	47
2.1.3 – Uma breve discussão	50
2.1.4 – O objeto direto	51
2.1.5 – Os advérbios	53
2.1.6 – Habitualidade versus Genericidade	54

2.2 – O progressivo em Francês e suas características	57
2.2.1 – Sobre o presente simples em Francês	63
2.2.2 – A perífrase <i>être en train de</i>	68
2.3 – Comparando as duas línguas	74
Capítulo 3: Discussões teóricas; soluções possíveis:	
3.1 – Recapitulando o imperfectivo	77
3.1.1 – A Solução de David Dowty (1977).....	79
3.1.1.2 – O futurate progressive.....	84
3.1.2 – A solução de Terence Parsons (1990)	87
3.1.3 – Cotejando as soluções.....	92
3.1.3.1 – A solução de Ilari & Montoanelli (1983)	93
Considerações Finais	96
Referências Bibliográficas	104

INTRODUÇÃO:

Entender e refletir sobre a estrutura semântica do progressivo em Português do Brasil (doravante PB) e em Francês é um objetivo geral deste trabalho. Em PB, a forma progressiva mais usual é a perífrase *estar + ndo*, que tem duas interpretações possíveis, como veremos adiante. Já em Francês, a cursividade é expressa através da perífrase *être en train de* e pelo presente simples, embora a literatura afirme não haver forma progressiva nesta língua. Nosso estudo sugere que o que não existe, em francês, é uma forma progressiva tão usual quanto o *estar + ndo* no PB e o *be + ing* em inglês.

Apesar de a literatura sobre progressivo em inglês ser vasta, com artigos de Dowty (1977), Parsons (1990), entre outros, o progressivo em PB tem sido estudado apenas recentemente e, pelo visto, não há nenhum estudo que compare o PB com a língua Francesa, sendo esta pesquisa, portanto, bastante inédita. A literatura sobre o progressivo em Francês é praticamente inexistente, obrigando-nos, com algumas exceções, a refletir sobre a língua através dos recursos do inglês e do próprio PB.

Nossas principais hipóteses estão centradas na idéia presente em Ilari & Montoanelli (1983) de que a perífrase *estar+ndo* em PB pode ter dois usos distintos: um uso **cursivo**, que diz respeito à situação em curso, ou seja, ao evento em progressão, como no exemplo abaixo:

(1) João está falando ao telefone.

E um uso **habitual**, que caracteriza um tipo particular de repetição de eventos. O mesmo exemplo (na verdade, a mesma cadeia sonora) poderia ser usado, pois contextualmente poderia ficar claro que João está falando ao telefone *ultimamente*, ou seja, que o evento vem se repetindo com certa frequência, tornando-se um hábito. Trata-se, pois, de um caso de ambigüidade. Por isso, outros elementos na sentença são fundamentais para auxiliar na opção por uma ou outra leitura. É o caso do objeto direto e dos advérbios, como iremos discutir. É uma contribuição de nossa pesquisa a hipótese de que uma outra particularidade diz respeito ao uso do *estar + ndo* na interpretação habitual: ela parece veicular uma pressuposição de que era conhecimento compartilhado que o hábito em questão não acontecia antes. É por isso que a perífrase não pode expressar generalizações não-acidentais. Também o presente simples em PB expressa um hábito, porém, sem esta pressuposição que estamos afirmando para a perífrase.

Já o progressivo em francês, cujo estudo não possui grande registro na literatura, parece ser na maioria das vezes expresso através do presente simples:

(2) Jean est au téléphone.

Podendo também ser verificado através da perífrase *être en train de*, que parece menos freqüente e expressa, na maioria das vezes, o uso cursivo; além disso ela parece ter restrições de uso bem particulares:

(3) Jean est en train de bâtir une maison.

Já que o uso habitual no francês também seria através do presente simples, causando uma ambigüidade entre as duas leituras, o uso de advérbios como *maintenant* (agora), *tous les jours* (todo dia), *en ce moment* (neste momento) entre outros, torna-se, como em PB, de grande valia para a caracterização da interpretação das sentenças.

Como as duas línguas em questão estão sendo comparadas, uma outra constatação a ser feita é a respeito da diferença entre o habitual do PB e do francês. Em francês, o presente simples tem dois usos distintos (como a forma progressiva em PB): um uso **cursivo** e um uso **habitual**, porém, sem a pressuposição que falamos estar presente no uso habitual da perífrase em português. A sentença *Jean fume*, por exemplo, pode ter uma leitura cursiva, ou seja, o evento acontece simultâneo ao momento de fala e está em progressão, ou pode ter uma leitura habitual, caracterizando João como um fumante.

Ao descrevermos semanticamente as sentenças na interpretação progressiva, trataremos da questão do paradoxo do imperfectivo e das noções que envolvem suas possíveis soluções, como a de mundos possíveis, ou mundos de inércia utilizada primeiramente por David Dowty (1977) e, criticada posteriormente por Terence Parsons (1990), que sugere uma solução na semântica de eventos.

Os exemplos em português desta pesquisa são exemplos simples, criados através de nossa intuição de falantes nativas. Já os dados em francês foram retirados do Corpus M-Concord Francês, quando necessário, elaborado pelo professor Phillipe Humblé (UFSC)¹, assim como comprovados com falantes nativos e professores universitários da língua. O corpus tem um número aproximado de 105.816.230 palavras, tiradas de textos jornalísticos como o *Le Soir*, da Bélgica e o *Le Monde*, da França, entre os anos de 1997 e 1998. Como

¹ Agradecemos ao Prof. Phillipe pelo empréstimo do Corpus.

não se trata de uma pesquisa quantitativa, o corpus serviu apenas como referência para algumas ocorrências da língua francesa.

Nossas entrevistas com falantes e professores da língua francesa foram informais. Algumas sentenças foram elaboradas e os informantes apenas respondiam se elas eram gramaticais ou não. Foram consultados dois falantes nativos e quatro professores universitários.

Os três capítulos desta dissertação estão assim divididos: o primeiro agrupa um apanhado geral da teoria que envolve a noção de progressividade, onde discutimos sobre algumas questões do tempo, do aspecto, da imperfectividade e dos eventos; o segundo diz respeito à análise da perífrase *estar + ndo* e o presente simples em PB e suas possíveis interpretações e também da perífrase *être en train de* e o presente simples em francês, mostrando também suas ocorrências; e por último, o terceiro capítulo, onde voltamos à questão do paradoxo do imperfectivo, discutido no primeiro capítulo, e comparamos algumas das soluções para o problema. A primeira delas é a de Dowty (1977), depois a de Parsons (1990) e ainda a de Ilari & Montoanelli (1983). Por fim, as considerações finais apontam vários problemas com os quais nos deparamos ao longo deste estudo e que não puderam ser incorporados a essa dissertação.

Capítulo 1 – Noções teóricas básicas:

Alguns pontos em específico da literatura devem ser retomados antes de analisarmos as questões sobre a **progressividade** em PB e em Francês. Tempo e Aspecto são as duas categorias lingüísticas que nos interessam nesta pesquisa. Discutiremos, primeiramente, sobre o tempo, a fim de retomar algumas noções e, posteriormente sobre o aspecto, nosso foco principal de atenção.

1.1 – Sobre o Tempo:

Quando falamos sobre o tempo devemos levar em consideração duas noções que esta palavra pode gerar. Uma é o próprio tempo verbal, expresso pela morfologia do verbo, que nos remete às noções de passado, presente e futuro. Além da morfologia do verbo, o uso de advérbios, como *agora* e *amanhã* também auxilia na marcação temporal, como em (4) e (5):

(4) João fala **agora**.

(5) João fala **amanhã**.

Assim, não é sempre que há uma correspondência entre uma certa forma lingüística e o conteúdo expresso, como é o caso do exemplo (5) e também do presente histórico, exemplificado em (6):

(6) Em 1990 Fernando Collor assume a presidência da República.

Uma das principais características do tempo, e o que o difere do aspecto, é que ele é dêitico. Deste modo, apesar de alguns adjuntos adverbiais como *agora*, *aqui*, *amanhã* auxiliarem na localização do evento, eles só podem ser analisados se soubermos localizar o momento em que a sentença foi proferida. Daí vem a outra noção de tempo que devemos ter em mente.

1.1.2 – As noções de Reichenbach (1947):

Esta noção relaciona três momentos importantes, que representam a idéia que o filósofo Hans Reichenbach traz em *Elements of Symbolic Logic* (1947) que estamos extraindo de Ilari (1997) sobre os verbos em inglês, e que se aplicam bem ao PB. A idéia central é a de que os morfemas de tempo do inglês têm “a capacidade de relacionar cronologicamente três tempos ou momentos que seriam estruturalmente relevantes para sua compreensão” (Ilari, 1997:13). Abaixo os três momentos:

- o momento da fala (MF) – momento em que a sentença é dita.
- o momento do evento (ME) – momento em que o evento descrito acontece.

- o momento de referência (MR) – o pano de fundo onde o evento acontece.

Vejamos alguns exemplos:

- (7) Eu estou falando agora.
- (8) João estava cantando quando Maria chegou.
- (9) João vai estar falando quando Maria entrar pela porta.

Em (7), o momento da fala coincide com o momento do evento e também com o momento de referência, ou seja, os três momentos acontecem simultaneamente ($MF=ME=MR$); em (8) o momento de referência (João estava cantando) coincide com o momento do evento (Maria chegou), que são anteriores ao momento de fala ($MR=ME < MF$); ao passo que (9) pode ter duas interpretações possíveis: uma em que o momento do evento (Maria entrar pela porta) coincide com o momento de referência (João vai estar falando), ambos posteriores ao momento de fala ($ME=MR > MF$), ou o momento do evento é anterior ao momento de referência, que continuam posteriores ao momento de fala, ou seja, nesta interpretação, quando Maria entrar pela porta João já vai estar falando ($ME < MR > MF$).

Segundo Ilari (1997), a proposta de Reichenbach vem adquirindo muita aceitação desde a década de 70² pelo fato de atender a exigências bastante intuitivas, como fornecer instruções para situar o momento do evento, ou seja, localizar no tempo a ação descrita pelo verbo (objetivo dos tempos verbais) e também o fato de levar em conta o momento da fala, confirmando a intuição de que “o fundamento direto ou indireto da interpretação das

² Apesar da aceitação, o próprio Ilari aponta alguns problemas para o roteiro de Reichenbach, como a noção de momento, por exemplo. O autor sugere que se fale em termos de períodos ou lapsos de tempo.

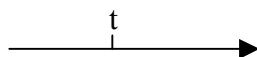
formas verbais flexionadas em tempo é a dêixis, isto é, a referência à própria situação de enunciação.”(Ilari, 1997:15), além de esclarecer a importância do momento de referência, que deixa claro toda a relação temporal existente em uma sentença, uma vez que é considerado o pano de fundo dos acontecimentos. Sendo assim, toda sentença tem um momento de referência, que pode ser dado pelo contexto, ou através de advérbios de tempo, por exemplo:

(10) João cantará depois de amanhã.

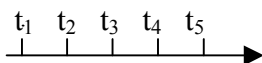
(onde *depois de amanhã* auxilia na localização do MR, que é igual a ME, mas posterior a MF)

O tempo ainda pode ser momentâneo ou pode representar um conjunto de vários “tempinhos”, como ilustra (11) com o predicado *espirrar*, que acontece em um certo momento e (12) *com escrever um livro*, que inclui vários tempinhos, necessários para se escrever um livro:

(11) João espirrou.



(12) João escreveu um livro.



O tempo, então, por mais que caracterize um evento como momentâneo ou duradouro, é uma série de momentos ordenados, ou seja, um grande conjunto de “tempinhos”: $T \{t_1, t_2, t_3, t_4, \dots\}$, onde, tomando o exemplo (12), t_1 equivale ao tempo em que João escreveu o capítulo 1, t_2 ao tempo que ele escreveu o capítulo 2 e assim por diante.

Agora que discutimos certas questões sobre o tempo, algumas constatações podem ser feitas. A primeira delas diz respeito ao papel do semanticista, que quando está diante de uma sentença, precisa de muitas noções para estabelecer suas condições de verdade. Uma descrição definida, por exemplo, pode ter mais de uma referência, se levarmos em conta o tempo e também o mundo em que ela está sendo proferida³.

A descrição definida *o presidente do Brasil*, para exemplificar o que estamos dizendo, tem como referência diferentes pessoas, de acordo com o tempo. Se estivermos falando do ano de 2004, a referência será Luiz Inácio Lula da Silva, mas se estamos falando do ano de 1963 a referência será João Goulart e assim por diante. Isso considerando um mundo (w'), onde os fatos históricos ocorreram, pois é possível que em outro mundo, um mundo um pouco mais distante (w'') a referência para a descrição definida que víamos acima seja outra completamente diferente e desconhecida.

Mas e uma sentença sem tempo, o que é? Uma sentença sem tempo é uma sentença genérica, marcada somente por esta outra categoria que veremos agora, o aspecto.

1.2 – Apontamentos sobre o Aspecto:

Como víamos, algumas questões teóricas devem ser esclarecidas antes de começarmos a discutir propriamente sobre a progressividade em português e em francês. A questão do aspecto é uma delas, por ser central em nossa pesquisa. A literatura sobre o **aspecto verbal** é bastante vasta. Diversas são as definições e as classificações do termo “aspecto”, o que nos restringiu a apresentar somente o que é de senso comum entre alguns

³ Deixaremos a modalidade um pouco de lado agora, pois voltaremos a falar sobre o assunto no capítulo 3, juntamente com as possíveis soluções que levam em conta os mundos possíveis.

autores considerados mais importantes, como Comrie (1976), Ilari (1997), Ataliba Castilho (1994), entre outros.

Na tradição semântica, o aspecto verbal é uma categoria lingüística assim como o tempo, o modo, o grau, etc. Esta categoria tem a função de expressar o que está sendo mostrado internamente pelo verbo ou predicado, isto é, mostrar graus de duração, instantaneidade, durabilidade do evento descrito pelo verbo ou predicado e tem algumas características fundamentais para seu entendimento. Uma delas é o fato de se tratar de uma categoria não-dêitica, ou seja, uma categoria que não depende das referências de momento de fala e de evento, como acontece com a categoria do tempo, por exemplo. Uma das definições clássicas sobre aspecto é a de Comrie trazida em Aspect (1976) de onde surgem, posteriormente, as definições dos diversos valores assumidos pelo aspecto, como veremos neste capítulo:

“As the general definition of aspect, we may take the formulation that ‘aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation’” (1976:3)

O aspecto, então, chama a atenção para algo além das noções físicas ou morfológicas tratadas pela categoria do tempo. Isto quer dizer que ao passo que o tempo localiza um evento como estando no passado, presente ou futuro, o aspecto mostra como este evento ocorreu, ou seja, apresenta a maneira como este evento está sendo mostrado internamente, ou ainda, as fases deste processo descrito. Ataliba Castilho em Aspecto Verbal no Português Falado acrescenta:

“O Aspecto não dispõe de morfologia própria na língua portuguesa. Para codificar os significados aspectuais, o usuário combina diversos recursos lingüísticos, cujo estudo foi desenhando a história da Aspectologia.”(1994:2)

Estes “diversos recursos lingüísticos” a que o autor se refere são combinações que caracterizam uma fase semântico-sintática ou composicional da história sobre o aspecto (Castilho, 1994:2), durante a qual a combinação do verbo com outras expressões nominais ou adjuntos adverbiais foi explorada.

Como estávamos vendo, para o aspecto interessa, então, o que alguns autores chamam de **tempo interno**, em contrapartida ao **tempo externo** (a categoria tempo propriamente dita) que depende do momento de fala e de outros conceitos para sua interpretação. Abaixo, dois exemplos que mostram diferentes leituras aspectuais:

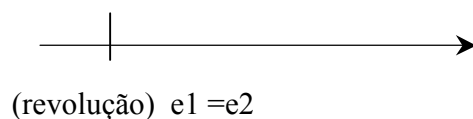
(13) João leu este livro quando a revolução eclodiu.

(14) João lia este livro quando a revolução eclodiu.

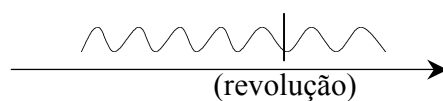
O que se pode perceber é que estas duas sentenças mostram um ou mais eventos no passado, se quisermos apenas colocá-las na linha do tempo. Porém, se não levarmos em conta a noção física desta linha temporal, vemos que estes dois exemplos não veiculam o mesmo significado e esta diferença, além de estar presente na flexão do verbo *ler* (*leu/ lia*), é uma diferença relacionada ao aspecto, ou seja, os eventos estão sendo mostrados diferentemente.

Enquanto o exemplo (13) mostra que o evento da leitura do livro por João começou junto com a revolução ou logo após a revolução ter eclodido; o exemplo (14) mostra que este evento de leitura já acontecia antes da revolução eclodir e, ainda, que continua após a revolução ter eclodido, ou seja, mostra uma certa duração do evento da leitura, um evento que perdura no tempo.

Graficamente teríamos as seguintes representações para as sentenças (13) e (14):



onde $e1$ é o evento de eclosão da revolução e $e2$ o evento de leitura por João



onde o evento de leitura perdura no tempo e antecede e ultrapassa o momento de eclosão da revolução.

Quando se fala em aspecto ou em tempo interno, podemos estar também apresentando as fases de um evento, que podem ser o início, o meio, ou o final. É uma destas etapas que o aspecto poderá seleccionar em uma sentença. Os exemplos (15), (16) e (17) exemplificam estas fases:

- (15) João **começou a** falar mal de Maria – fase inicial
- (16) O vendedor **está atendendo** – em curso
- (17) João **terminou de** brincar – fase final

As leituras aspectuais, segundo Castilho (1994) podem assumir duas perspectivas: uma **qualitativa**, que diz respeito à estrutura do tempo, ou seja, se se trata de um tempo perfeito, que marque um evento acabado, um evento perfectivo; ou se estamos diante de um evento imperfectivo, que não marca seu desfecho, mas chama atenção para outras características, como a duração, por exemplo. A outra perspectiva é a **quantitativa**, que, como o próprio nome diz, explicita a quantificação sobre o evento, mostrando que ele pode ser episódico (ou semelfactivo, como chama Castilho), quando se trata de apenas um evento; iterativo, quando o evento se repete e este número é determinado; e habitual, quando o mesmo evento repete, mas de uma maneira indeterminada, caracterizando um hábito⁴. Detalhemos agora esta hipótese de classificação:

1.2.1 – O aspecto perfectivo:

Diz-se de uma sentença ter o aspecto **perfectivo** quando o evento por ela expresso é enunciado como global, terminado, sem marcar internamente seu começo, meio ou fim. O aspecto perfectivo refere um fato como um todo, acabado, sem enfatizar qualquer uma das fases de um certo processo. Afirma-se, também, que ele está ligado ao traço [- durativo]⁵, uma vez que o evento é apresentado como tendo início e fim fechados, isto é, sem mostrar qualquer duração no tempo. Os exemplos (18) e (19) exemplificam claramente esta definição:

⁴ Esta diferença entre iterativo e habitual não é feita por Ataliba Castilho (1994), mas está presente em Wachowicz (2003) para a classificação de eventos determinados e indeterminados.

⁵ Sônia Bastos Borba Costa (1997)

- (18) João leu o livro.
- (19) João fez os deveres de casa.

O aspecto perfectivo pode ainda ser classificado em perfectivo pontual e resultativo, como mostram os exemplos (20) e (21), respectivamente:

- (20) João encontrou Maria.
- (21) As provas estão corrigidas.

Estes exemplos esclarecem o que queremos destacar sobre o aspecto perfectivo, além de mostrarem algo mais sobre os eventos que estão sendo apresentados. Isto é, além de (20) e (21) deixarem claro que são eventos fechados no tempo, sem mostrar um início ou fim marcado, uma outra informação está presente: a de que o predicado *encontrar* carrega um traço semântico que marca uma pontualidade ao passo que *estar corrigida* marca um resultado.

Agora que já se sabe sobre o aspecto perfectivo, vamos ao seu oposto: o imperfectivo, que é justamente um dos tópicos que nos interessará para este trabalho.

1.2.2 – O aspecto imperfectivo:

O **imperfectivo** não mostra seus limites (início e fim) fechados como o perfectivo e sim, abertos no tempo, apresentando o evento em sua estrutura interna. Isso significa dizer que o aspecto imperfectivo aceita subdivisões, aceita que o evento em questão seja

mostrado através de diferentes perspectivas. Castilho (1994) usa a seguinte terminologia para os subtipos de imperfectivo:

a) Imperfectivo Inceptivo: quando estamos falando da fase inicial de um processo.

(João começou a falar mal de Maria)

b) Imperfectivo Cursivo: quando a ação está em curso.

(O vendedor está atendendo)

c) Imperfectivo Terminativo: quando estamos falando da fase final de um processo.

(João terminou de brincar)

O imperfectivo **cursivo** é um de nossos interesses nesta pesquisa. Ele caracteriza uma ação em curso e esta é uma das possíveis interpretações para a perífrase *estar+ndo* em PB e para o presente simples e a perífrase *être en train de* em francês, como veremos no próximo capítulo.

Voltemos agora aos nossos dois primeiros exemplos, citados abaixo novamente:

(22) João leu este livro quando a revolução eclodiu.

(23) João lia este livro quando a revolução eclodiu.

Agora que já sabemos que o aspecto perfectivo descreve o evento como terminado, fechado no tempo, sabemos dizer que o exemplo (22) é perfectivo, pois a leitura teve um fim e este fim é mostrado. Apesar de o segundo exemplo também estar no passado, vimos que havia uma diferença aspectual entre as sentenças e agora podemos dizer claramente no que consiste esta diferença: é que a sentença (23) não descreve o evento com um fim

marcado, além de mostrar uma certa duração no tempo do evento de leitura de João. Isto quer dizer que se trata de um imperfectivo. Veja que um imperfectivo pode ter terminado, porém este fato não é evidenciado e o que se quer mostrar é alguma outra coisa, como alguma fase deste evento, ou sua duração, por exemplo. Ele é apresentado como aberto.

Um bom teste para sabermos se um enunciado está sendo aspectualizado perfectiva ou imperfectivamente é perguntar se o fato expresso está referido como um todo ou está sendo marcado internamente. Repare nos seguintes exemplos:

(24) João saltou.

(25) João saltitou.

As duas sentenças se encontram no passado, porém o exemplo (25) mostra algo mais além de saltar. A sentença está sendo marcada internamente, fazendo-nos imaginar diversos saltinhos de João.

É de comum acordo entre os autores consultados, como Castilho (1994) e Ilari (1997) que tanto uma sentença com interpretação cursiva quanto com interpretação iterativa e habitual tem o aspecto imperfectivo, pois mostram os eventos descritos em desenvolvimento ou em repetição e, portanto, abertos no tempo. Vale lembrar que mesmo que diversos eventos já tenham terminado, como é o caso de sentenças com leitura iterativa ou habitual o que se mantém em aberto é a possibilidade de repetição do evento em questão.

Antes de falarmos mais sobre o aspecto imperfectivo, as sentenças na forma progressivas e outros fenômenos envolvidos, vamos voltar à qualificação de Ataliba

Castilho (1994) sobre a face quantitativa de um aspecto, que envolve também dois tipos: o semelfactivo e o iterativo.

1.2.3 – O aspecto semelfactivo ou episódico:

Estar diante de uma sentença com aspecto **semelfactivo** significa dizer que a sentença em questão descreve apenas um evento; é o caso de uma sentença com interpretação cursiva, como acabamos de ver quando falávamos do imperfectivo. Podemos chamar este aspecto de episódico também, uma vez que está se falando de um episódio em particular, àquele descrito pela sentença:

(26) João está atravessando a rua.

Neste caso, se não tivermos a presença de nenhum advérbio e se, por informações contextuais sabemos que não estamos falando de um evento que tem se repetido constantemente na vida de João, então estamos falando de um evento em particular, que está em progressão, em aberto, mostrando uma das fases do evento, isto é, a fase em curso. Daí a ideia de chamar, daqui a diante, este aspecto de **cursivo**. Para ficar ainda mais claro, segue quadro abaixo:

Cursivo = imperfectivo + semelfactivo + em curso
--

1.2.4 – O aspecto iterativo:

Antes de apresentarmos as características do aspecto iterativo, neste item e habitual, no próximo, uma observação deve ser feita: alguns autores, como veremos aqui, tratam de maneira distinta o aspecto iterativo e habitual. Deste modo, como neste capítulo nos cabe esclarecer estes diferentes pontos de vista, apresentaremos a repetição de eventos como dois tipos de aspecto (iterativo e habitual). Vale lembrar que no capítulo 2, quando estaremos analisando as ocorrências das perífrases progressivas em PB e em Francês as possíveis leituras serão a cursiva e a habitual.

O aspecto **iterativo**, como o próprio nome já diz, marca uma iteração, ou seja, marca a repetição determinada de um certo evento. Quando falamos de uma repetição *determinada*, estamos nos baseando em Tereza Wachowicz (2003), pois Castilho (1994) não menciona três diferentes aspectos (episódico, iterativo e habitual), como faz Wachowicz. A idéia é que a leitura episódica e a iterativa mantêm uma relação de intervalos de tempo determinados, diferentemente do que acontece com o habitual, ou seja, o episódico e o iterativo determinam a quantidade de eventos em questão, ao passo que o habitual caracteriza a indeterminação destes eventos. Apesar de Castilho (1994) não mencionar esta distinção, o autor fala sobre repetições específicas e não específicas.

(27) João está construindo duas casas.

É claro que, novamente, diante de uma sentença como esta, fora de contexto e sem a presença de nenhum advérbio, as duas interpretações possíveis são a de que se trata de uma sentença com aspecto cursivo, pois João pode estar construindo duas casas juntas e ao

mesmo tempo (coloca parede em uma, coloca na outra; pinta uma, pinta a outra, etc.) ou a interpretação de que se trata de um aspecto iterativo, mostrando dois eventos de construir casa. Abaixo um exemplo baseado na “repetição específica” de Castilho (1994), onde os intervalos de tempo são previsíveis, segundo o autor:

(28) De três em três meses nós viajamos para São Paulo.

1.2.5 – O aspecto habitual:

O aspecto habitual, se classificarmos de acordo com Wachowicz (2003), é a repetição indeterminada de um evento, que acaba se tornando um hábito. Ataliba Castilho (1994), como falávamos há pouco, não faz esta distinção entre o habitual e o iterativo. Já Sônia Costa (1997) traz uma abordagem diferente das que estamos vendo com Castilho e Wachowicz. A autora diz que a habitualidade pode ser dada através da iteração ou da continuidade, ou seja, se a habitualidade é dada pela iteração, estamos diante de um “fato verbal do plural” e, portanto, diante da repetição, como em (29), porém, se a habitualidade é dada pela continuidade estamos diante de um “fato verbal no singular”, portanto diante da duração, como ilustra (30):

(29) Ele sai de casa às oito horas há três anos. (hábito por iteração)

(30) Ele cria gatos há três anos. (hábito por continuidade)⁶

⁶ Estes exemplos são retirados do livro de Sônia B. B. Costa (1997).

Na nossa visão, (29) expressa um hábito, ao passo que (30) expressa cursividade: trata-se de um mesmo evento que teve início há três anos. Interessante ainda é o que Ataliba Castilho acrescenta sobre o iterativo-habitual (já que o autor não faz esta distinção):

“Uma série de requisitos são obrigatórios para que *estar-ndo* – a perífrase mais recorrente nos dados – expresse a iteratividade, tais como a pluralização dos argumentos e/ou a ocorrência de adverbiais. Faltando tais requisitos, exemplificados adiante, essa perífrase expressa o *Semelfactivo*.”(1994:21)

Os dois tópicos citados neste trecho, a pluralização de argumentos e a ocorrência de adverbiais, serão vistos no próximo capítulo, quando analisarmos as duas interpretações possíveis que gera *estar + ndo*. Vale ressaltar que é possível ter interpretação iterativa com *estar + ndo* sem a presença da quantificação do objeto ou o uso explícito de advérbio, desde que o contexto assim permita.

Ainda uma outra hipótese em relação ao cursivo, iterativo e habitual deve ser apresentada. Esta idéia, extraída de Kratzer (1995), leva em consideração uma diferença entre situação e evento, que determina a distinção entre o aspecto cursivo, iterativo e habitual. Sendo assim, o cursivo descreve um evento em uma determinada situação, ao passo que o iterativo descreve vários ou determinados eventos, mas também em uma única situação, como no exemplo abaixo:

(31) João está plantando três árvores.

Neste exemplo, a situação é uma só, ou seja, a de plantar árvore, mas três eventos são descritos. Deste modo, a diferença entre o cursivo e o iterativo estaria na quantificação de eventos, ao passo que a diferença entre o iterativo e o habitual estaria na quantificação de uma ou mais situações, que no caso do habitual é mais de uma.

1.2.6 – Sentenças Genéricas:

Até agora estávamos analisando sentenças que relacionavam a noção de presente, passado, futuro, anterioridade, simultaneidade, etc. Porém agora, vamos olhar um pouco para sentenças sem tempo, ou seja, sentenças que não relacionam os momentos de evento, de fala e de referência que víamos agora há pouco.

Em primeiro lugar, deve ficar claro que uma sentença sem tempo é parte do domínio do aspecto. Elas são conhecidas como sentenças genéricas, pois não têm tempo, são paradas, isto quer dizer que não dependem da noção de dêitico, por exemplo. São verdades **universais** - leis (lawlike) ou generalizações **acidentais** (hábitos):

(32) A água ferve a 100 graus. – verdade universal

Em PB, o presente do indicativo tem, geralmente, uma leitura genérica, isto é, ele não expressa a simultaneidade do momento da fala, do evento e de referência, como em francês, mas generalizações, que podem ser acidentais ou não:

(33) João fuma. – hábito (generalização acidental)

Fora de um contexto mais específico, a provável interpretação desta sentença é a de um genérico acidental, ou seja, um hábito⁷.

1.3 – De volta ao imperfeito:

Como estávamos vendo, uma sentença com interpretação progressiva – *João está comendo* - tem o aspecto imperfeito por estar em aberto e por mostrar uma das fases do evento descrito. Vimos, também, que parece ser clara a diferença entre o aspecto perfectivo e o imperfeito. Porém, talvez nem sempre fique evidente qual destes aspectos está envolvido na interpretação. Veja este caso:

Imagine o predicado *passar uma camisa* e a seguinte situação:

Maria está passando a camisa de João quando é interrompida ao ouvir o telefone tocar. Naquele momento, se Maria está passando a camisa e sua ação é interrompida, seria correto afirmar que ela passa ou que passou a camisa?

Se considerarmos o evento de passar uma camisa como um processo que envolve uma série de etapas, como passar a manga, passar a gola, passar o corpo, as costas, etc., podemos afirmar que se trata de um aspecto imperfeito e algumas fases já foram executadas, porém, se considerarmos que *passar a camisa* exige como resultado uma camisa passada as fases deste processo não interessam e o objetivo não foi alcançado.

Isto tudo para falarmos de um fenômeno conhecido quando falamos do imperfeito.

⁷ Na língua francesa, veremos que o presente simples pode ser ambíguo entre uma leitura genérica ou uma leitura progressiva, que descreve a simultaneidade do MF e do ME. É o caso de '*Jean fume*', que veremos com mais clareza no capítulo 2.

1.3.1 – O paradoxo do imperfectivo:

Repare nos clássicos exemplos abaixo:

- (34) a. João estava atravessando a rua.
 b. João atravessou a rua.
- (35) a. João estava empurrando o carrinho.
 b. João empurrou o carrinho.

O que podemos perceber com estes exemplos é que (34a) e (35a) são imperfectivos, pois mostram uma duração no evento, mostram o evento em aberto, como se algo a mais tivesse para acontecer; ao passo que (34b) e (35b) estão fechados no tempo, com fins marcados, descrevendo o aspecto perfectivo da sentença. Porém estes exemplos mostram mais do que isso. Eles escondem o fenômeno do paradoxo do imperfectivo, que foi detectado ao se tentar resolver a semântica do progressivo a partir da semântica de sentenças perfectivas. Nesta tentativa, notou-se que alguns verbos não permitiam este movimento.

Isto é, se a sentença (34a) *João estava atravessando a rua*, é verdadeira, seria correto afirmar que ele atravessou a rua? Não, de (34a) não podemos inferir (34b), pois João pode não ter atravessado a rua por *n* motivos. Porém, se a sentença (35a) *João estava empurrando o carrinho* é verdadeira, é correto afirmar que ele empurrou o carrinho.

Qual a diferença entre essas sentenças? Por que existe esta diferença? A diferença, neste caso, está no tipo de predicado (*atravessar a rua/ empurrar o carrinho*), que por não permitirem uma mesma inferência das sentenças progressivas para as perfectivas, foram

classificados em diferentes categorias. Estas categorias foram elaboradas por Zeno Vendler (1967) e veremos aqui quais são elas.

1.4 – A classificação de Vendler (1967):

Todo verbo, ou para ser um pouco mais precisa, todo predicado, tem um **esquema temporal interno**, ao qual o termo alemão *Aktionsart* é aplicado. Isto quer dizer que ao passo que alguns processos como *correr* e *cantar* duram indefinidamente, ou seja, prosseguem no tempo de forma homogênea, outros processos como *correr até a padaria* ou *cantar uma canção de Roberto Carlos* têm um limite, que vai até seu complemento, ou seja, a padaria e o fim da canção de Roberto Carlos.

A classificação de Vendler (1967), conhecida como a mais célebre, ficou famosa para os verbos (ou predicados) do inglês e, apesar de não funcionar perfeitamente para o português do Brasil, servirá de base para compreendermos algumas questões. A classificação é dividida em quatro grandes categorias de verbos ou predicados: estado, atividade, accomplishment e achievement. Para o PB existem algumas ressalvas e segundo Ilari (1997) dividiríamos os processos em: processos pontuais, que não requerem tempo, processos duráveis, que evocam a idéia de tempo gasto, e processos duráveis que evocam a idéia de tempo escoado e, entre estes últimos, os que indicam estados (como *ser brasileiro*) e os que indicam atividade (como *correr*). Usaremos aqui a nomenclatura do próprio Vendler, apesar das ressalvas⁸.

⁸ Há, no entanto, críticas sérias a respeito da classificação de Vendler (1967). Ver, por exemplo, o capítulo 2 de Verkuyl (1993).

A classificação de Vendler distingue, primeiramente, os verbos que aceitam a conjugação na forma progressiva daqueles que não admitem tal forma. E em seguida o tipo de pergunta que a eles é posta: em certos casos temos “por quanto tempo” e em outros seria “em quanto tempo”, que vem a ser a idéia de Ilari de tempo gasto e tempo escoado.

Já para o primeiro critério se coloca um problema para o PB. Segundo Vendler, as categorias que aceitam a forma progressiva são os accomplishments e as atividades, ficando os estados e os achievements de fora. Em PB, até onde podemos perceber, sentenças com verbos de estado como em (36) e com achievement como em (37) são perfeitamente aceitáveis na forma progressiva:

(36) João está amando Maria.

(37) João está alcançando o pico do morro.

Mas dissemos que existem mesmo algumas ressalvas para a classificação de Vendler para o PB, então deixaremos esta questão de lado e vamos partir para a caracterização das quatro categorias:

- a. Verbos ou predicados de **estado** são conhecidos por atribuírem aos sujeitos características como: ser brasileiro, acreditar em alguma coisa, saber francês, amar alguém, etc.
- b. Verbos ou predicados do tipo **achievements** podem ser caracterizados como expressando uma mudança de estado, sendo esta mudança

instantânea, como: alcançar o topo da montanha, morrer, reconhecer alguém, etc.

- c. Verbos ou predicados de **atividade** são aqueles que não apresentam nenhum tempo definido, pois transcorrem de maneira homogênea: correr, cantar, nadar.
- d. E por último, verbos ou predicados do tipo **accomplishments**, que têm um telos, ou seja, cujas ações duram um tempo determinado, pois um objetivo deve ser alcançado, como: atravessar a rua, escrever uma carta, nadar 100 metros, etc.

Voltando à questão do paradoxo do imperfectivo, segundo a classificação que estamos analisando, somente os accomplishments e os achievements estariam sujeitos ao paradoxo, estando as atividades e os estados imunes a este fenômeno. Os accomplishments, como é o caso de nosso exemplo (34a) - *João estava atravessando a rua* – é claramente vítima do paradoxo, pois o objetivo de atravessar a rua deve ser alcançado e não podemos garantir tal meta, enquanto o evento está em curso. Os achievements também são vítimas do fenômeno. Segundo David Dowty (1977) isto acontece quando esse tipo de predicado ocorre na forma progressiva, o que é raro em inglês, mas não em PB, mostrando a mesma falha na inferência da sentença imperfectiva para a perfectiva:

- (38) a. João estava morrendo.
- b. João morreu

Já para as atividades e os estados fica claro que o paradoxo não pode atingi-los, pois as atividades, como já mencionamos, são homogêneas e num exemplo como *João está correndo*, mesmo que ele pare tal atividade 10 segundos após ter iniciado, já é verdade afirmar que *ele correu*; e os estados são características individuais, portanto também homogêneas que, em PB, aceitam, na maioria das vezes, a forma progressiva, sem a tal falha no movimento de sentenças imperfectivas para as perfectivas, o que gera o paradoxo:

- (39) a. João está amando Maria.
b. João amou Maria.

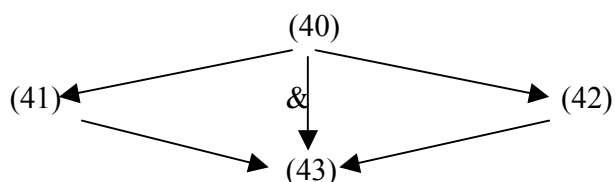
Dowty (1977), em seu artigo sobre o paradoxo do imperfectivo, chega a propor uma solução para o fenômeno, que veremos no capítulo 3, quando apresentarmos algumas soluções possíveis para o problema do paradoxo, trazidas por Parsons (1990), Ilari & Montoanelli (1983), além do próprio Dowty.

1.5 – Sobre os eventos:

É impossível falar de aspecto e, por consequência de progressividade, sem falar em eventos, uma vez que o aspecto diz respeito à apresentação da estruturação interna dos eventos. Embora não haja evidências diretas da existência de uma variável de evento, a literatura já a adotou porque há muitas evidências indiretas. Uma delas é para explicar o acarretamento. O exemplo abaixo é o argumento de Davidson, mostrado por Parsons (1990) e traduzido por nós:

- (40) Brutus apunhalou César nas costas com uma adaga.
 (41) Brutus apunhalou César nas costas.
 (42) Brutus apunhalou César com uma faca.
 (43) Brutus apunhalou César.

As sentenças de (40) a (43) desenham o losango de acarretamento, porque (40) acarreta (41), (42) e (43), (41) acarreta (43) e (42) acarreta (43).



Não há como dar conta desse padrão de acarretamentos sem uma variável de evento que garante que estamos sempre falando sobre o mesmo evento no mundo. Há ainda outros argumentos para a justificativa de uma variável de evento, mas não os discutiremos aqui.

Voltando às teorias sobre os eventos, as que mais se destacam são: a de Donald Davidson (1967), que propõe que a estrutura argumental de um predicado comporte um argumento a mais, o de evento, além de seus argumentos tradicionais; a de Terence Parsons (1990), conhecida como neo-davidsoniana, que será vista neste trabalho; e a de Angelika Kratzer (2000), conhecida como semi-davidsoniana, que considera os eventos também como pertencentes à grade temática de alguns verbos ou predicados, mas com a introdução de noções como a de individual level e stage level⁹.

⁹ Na teoria de Kratzer, os predicados de individual level não teriam evento, ou seja, são propriedades inerentes ao indivíduo, como, por exemplo, *ser loiro*; ao passo que os predicados de stage level, por terem caráter provisório, teriam evento.

Uma primeira formalização de uma sentença como *João beijou Maria*, seguindo a proposta de Davidson, vista acima, seria:

- (44) a. João beijou Maria.
b. Beijou (João, Maria, e)

Já a proposta de Parsons (1990), que também toma os eventos como primitivos, isto é, todo verbo ou predicado tem um argumento evento presente em sua grade temática, teria a seguinte representação para uma sentença como (44a)¹⁰:

- (45) $\exists e$ [beijar (e) & Agente (e, João) & tema (e, Maria)]

Segundo Chierchia (2003), que remonta a idéia de Parsons, “o verbo descreve um evento, no qual seus argumentos desempenham papéis específicos (aqueles que nós denominamos papéis temáticos)” (Chierchia, 2003:491).

A idéia de Parsons é que as chamadas classes acionais (as propriedades expressas pelos verbos) referem-se ao termo eventualidade, que são, em princípio, estados ou acontecimentos, onde os acontecimentos se dividem em eventos ou processos.

De uma maneira rápida, já que retomaremos o assunto novamente no capítulo 3, os eventos exigem um ponto final, de **culminação (Cul)**, pois são expressos por verbos télicos, como *construir uma casa*; já os processos não têm um ponto de culminação, uma vez que são atélicos, podendo ser interrompidos a qualquer instante ou prolongados

¹⁰ Esta representação ainda nada menciona sobre o tempo. No capítulo 3 retomaremos exemplos deste tipo.

infinitamente, o que os dá uma característica que o autor denomina **Hold** como *correr*; e por último os estados que não acontecem e, sim, subsistem, como é o caso de *ser brasileiro*, que são também Hold.

Desta forma, uma sentença como (46a), que descreve um evento com uma relação de três lugares (considerando o argumento evento), deve ser representada de acordo com (46b):

- (46) a. Léo encontrou Hugo.
- b. Há um evento tal que
- i. culminou (completou-se) no passado (isto é, antes de agora)
 - ii. esse evento é um encontro
 - iii. o encontro é de Hugo por parte de Léo (ou seja, Léo é o agente e Hugo é o tema).

Parsons (1990) parte das classes aspectuais de Vendler (1967), vistas há pouco, para caracterizar os predicados de evento Cul e o Hold. O autor afirma não haver grande diferença entre os *accomplishments* e os *achievements*, pois os dois culminam, ou seja, por mais que tenham suas particularidades, chegam a um fim, diferentemente dos processos e dos estados, que permanecem segurados no tempo, que subsistem no tempo:

“(...) I use the notation ‘Cul (e, t)’ to mean that e is an event that culminates at time t. When I say that an eventuality e holds (at time t), I mean that either e is a state or e’s subject is in state e at t, or e is an

event which is in progress (in its development portion) at t . I use the notation 'Hold (e,t)' for 'e holds at t .'" (Parsons, 1990:25)

Agora que uma parte da teoria que nos interessa já foi revista, vamos à análise propriamente dita das perífrases que expressam a progressão em PB e em Francês.

Capítulo 2 – Descrições do PB e do Francês:

2.1 – O Progressivo em PB e suas características:

Primeiramente se faz necessária uma distinção entre o que estamos chamando de progressivo e a forma progressiva em PB. Uma das formas mais recorrentes do progressivo em PB é a perífrase *estar + ndo*; que pode ter duas interpretações, como vimos na introdução e também no capítulo 1; uma interpretação cursiva, que podemos chamar também de progressiva, daí a idéia de “progressivo em PB” e outra interpretação, a habitual, que marca a iteração indeterminada de um evento, como veremos mais claramente neste capítulo. Apesar de não existir uma nomenclatura padrão para estas e outras interpretações, essas duas leituras possíveis da forma progressiva em PB serão por nós denominadas **cursiva** e **habitual**.

No início do capítulo 1, víamos que através do tempo podemos nos localizar espacialmente. Sendo assim, vimos que a flexão verbal e os advérbios também poderiam nos situar em uma linha imaginária que nos remete às noções de passado, presente e/ou futuro. São os casos das terminações *ou, eu, ia*, como em *andou, comeu e dormia*, por exemplo, que nos fazem falar de eventos no passado, ou seja, anteriores ao momento de fala; ou como é o caso de advérbios como *agora, amanhã, ontem*, que auxiliam na determinação dos momentos de referência, sobre o qual falávamos a respeito.

Mas não só os verbos e os advérbios de uma língua são utilizados para se falar das coisas que acontecem no mundo. As perífrases são bastante freqüentes em português e, por conseqüência, cada vez mais estudadas. Elas se formam com um verbo auxiliar, como *estar*, *ter*, *ir* mais um verbo principal, que precisa estar no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, como mostram os exemplos abaixo:

- (47) João vai atravessar a rua.
- (48) João está comendo bolachas.
- (49) João tinha falado com Maria.

Vale lembrar que tanto em PB quanto em outras línguas temos também a possibilidade de utilizar diferentes formas verbais para expressar o mesmo conteúdo, fazendo com que as condições de verdade da sentença permaneçam as mesmas em qualquer forma que se utilize:

- (50) João termina a tarefa amanhã.
- (51) João vai terminar a tarefa amanhã.
- (52) João terminará a tarefa amanhã.

Objeto de estudo desta pesquisa, o *estar* + *ndo*, assim como outras perífrases, têm aspecto imperfectivo (p.e. anda chorando), pois não delimitam início e fim de seus processos, mas o desenrolar deles, o seu curso.

Em PB o estudo sobre o Progressivo¹¹ é relativamente atual e escasso, se compararmos com a vasta literatura sobre o progressivo em inglês. Não podemos deixar de citar um dos primeiros textos sobre o Progressivo em PB, o artigo *As formas progressivas do Português*, de Ilari & Montoanelli (1983), que deu início a diversas novas idéias de como se comporta a progressividade em nossa língua. Além do levantamento da ocorrência da forma progressiva em diferentes bases e tempos verbais, Ilari & Montoanelli propõe uma nova leitura para Dowty (1977), artigo clássico que apresenta formalmente uma solução para alguns fenômenos relacionados com o progressivo em inglês, o qual veremos no capítulo 3.

Dentre as constatações de Ilari & Montoanelli (1983) está a incompatibilidade do *estar + ndo* com a forma imperativa do PB, como mostra o exemplo (53), retirado do texto original. Porém, a sentença (54), por mais que esteja no presente do subjuntivo, não deixa de expressar uma ordem (característica principal do imperativo) e tampouco de ser gramatical:

(53) *Está trabalhando quando eu chegar ou serás demitido.

(54) Esteja estudando quando eu chegar.

Assim, o que parece não ser possível é a perífrase no imperativo.

Outra incompatibilidade do progressivo é com o verbo *ser* e alguns tipos de adjetivos, denominados pelos autores apenas de “classe-2”, como *olímpica*, em (55), também retirado do texto original:

¹¹ A escolha por “Progressivo” em letra maiúscula é na tentativa de abranger a palavra como categoria lingüística.

(55) * A piscina está sendo olímpica.

Estes adjetivos a que os autores se referem como pertencendo à “classe-2” se opõem aos adjetivos da “classe-1”, como *útil* e *idiota* em *A piscina está sendo útil* e *Você está sendo um idiota*, compatíveis com a perífrase progressiva e, que, provavelmente, compartilham com ela algum traço semântico. No entanto, eles não discutem o que são essas classes de adjetivos. Verifica-se, também, uma incompatibilidade da perífrase progressiva com verbos de permanência, que falaremos no item a seguir.

Outro ponto a ser lembrado aqui é em relação à classificação de Vendler (1967), que mencionamos não funcionar perfeitamente para o PB. Segundo o autor, uma das principais características de verbos ou predicados de estado em inglês, para citar um exemplo, é que não combinam com a forma progressiva. Isto explica porque uma sentença como (56), em inglês, não é possível com a leitura estativa. Este teste não funciona com o PB, uma vez que os estados podem ser “progressivizados”, como em (57):

(56) * John is loving Mary.

(57) João está amando Maria.

É claro que com alguns outros verbos, como *saber*, por exemplo, a sentença pode ficar um pouco mais estranha e depender um pouco mais do contexto, mas de qualquer maneira não seria agramatical dizer:

(58) Agora que João voltou da França, ele está sabendo francês.

Mesmo com esta impressão, nos trabalhos relacionados ao aspecto e ao progressivo em português, encontra-se sempre uma menção à classificação de Vendler (1967).

Visto isso, vamos voltar ao que nos interessa, ou seja, a perífrase progressiva em português *estar + ndo*, objeto de estudo desta nossa pesquisa.

2.1.1 – A interpretação cursiva:

A interpretação cursiva, ou semelfactiva, como chama Ataliba Castilho (1994) e Ilari & Montoanelli (1983) ou ainda episódica, como chama Wachowicz (2003), representa um evento que está em curso, em desenvolvimento. Trata-se de um evento apenas, que se encontra em aberto, não importando o que ele esteja descrevendo, como mostram os exemplos abaixo:

- (59) João está escrevendo um livro.
- (60) João está falando com Maria.
- (61) João está correndo.

Em (59), por mais que João não esteja escrevendo o livro no momento em que a sentença é proferida, o processo de escrever está em aberto, assim como em (60) e (61) os eventos de *falar* e *correr* permanecem também em aberto, mas agora para estas sentenças serem verdadeiras, os eventos têm que estar ocorrendo no momento de fala. Isto significa dizer que *João está correndo* suporta vários sub-eventos fechados, mas a atividade se encontra em aberto. E é esta uma das principais características de uma sentença na forma

progressiva, tanto com interpretação cursiva, como estamos analisando, quanto com interpretação habitual, como veremos mais adiante, pois as duas têm caráter imperfectivo.

A interpretação cursiva mostra, então, que a sentença em questão apresenta um único evento e que este evento se encontra em aberto, inacabado, sem garantia de que o fim seja alcançado. O que se evidencia com o *estar + ndo* - cursivo é justamente sua duração no tempo.

De acordo com Ilari & Montoanelli (1983), a leitura cursiva mostra algumas particularidades em relação à leitura habitual. Um exemplo é a incompatibilidade do progressivo, no presente, com verbos que indiquem localização espacial, como *ficar*, *permanecer*, *achar-se*, *continuar*, etc, como mostra o exemplo abaixo:

(62) * O consultório médico está ficando na rua Tenente Silveira.

Porém, se assumirmos um contexto de caráter provisório, por exemplo, onde o consultório médico provisoriamente está se localizando na rua Tenente Silveira, a sentença (62) pode ser aceita. Neste caso, ela não expressa o mesmo que *O consultório fica na rua Tenente Silveira*. Ilari & Montoanelli (1983) não chegam a tocar nesta hipótese e ficam apenas com a interpretação habitual quando diante de uma sentença com verbos de permanência, como em (63):

(63) Pedro está ficando em casa à noite¹².

¹² Exemplo retirado de Ilari & Montoanelli (1983:30)

Neste caso, fica claro que não se trata de um único evento de ficar em casa a noite, mas da recorrência dele. É como se o advérbio *ultimamente* estivesse subentendido na sentença. Em outros termos, é um hábito de Pedro ficar em casa à noite. E como já estamos falando em habitualidade, podemos começar nosso próximo item com uma citação dos autores.

2.1.2 – A interpretação habitual

“... o que há de mais importante a registrar é o fato de que quase todos os verbos do Português podem dar origem a predicados em que se exprime reiteração e, pela reiteração de um evento ou situação, se caracteriza um período: a estes predicados podemos, segundo a definição de Comrie, chamar de habituais” (Ilari & Montoanelli 1983:31)

Sendo assim, a leitura habitual é fruto de uma repetição de eventos do mesmo tipo, que fazem com que a perífrase *estar + ndo* represente, agora, um intervalo de tempo contendo vários eventos, diferentemente do intervalo de uma sentença cursiva, que mostra a duração de um único evento. O intervalo de tempo, agora, caracteriza um período, como explica o trecho acima, intervalo este que está em aberto e, mais importante, com a possibilidade de repetição em aberto.

Então, num exemplo como (64), abaixo, interpretado como habitual, são vários os eventos de fumar e João pode nem estar fumando no momento de fala, mas a repetição se encontra em aberto:

(64) João está fumando.

É claro que este exemplo pode ter uma leitura cursiva, sem maiores problemas. Neste caso, acreditamos ser o contexto o principal fator para opção de uma ou outra interpretação.

Imagine os seguintes contextos:

Contexto 1:

O chefe de uma repartição está aflito para que a reunião comece logo, pois há muito o que decidir. Revoltado com a espera, pergunta a um colega:

- *Mas que demora! Diga para o João entrar. Aliás, o que ele está fazendo aí fora?*
- *Ele está fumando.*
- *#Ele fuma¹³.*

Neste contexto, estamos falando de um evento específico de fumar, ou seja, do uso cursivo; tanto que o uso do presente simples faz com que, no contexto, a sentença soe estranha aos nossos ouvidos. Já uma outra interpretação seria num contexto do tipo:

Contexto 2:

O preparador físico de uma equipe de futebol conversa com o médico da mesma equipe a respeito do desempenho dos jogadores, chamando a atenção para um jogador em específico, dizendo:

¹³ O símbolo # marca a sentença como não sendo coerente no contexto discursivo em questão.

- *Estou sentindo uma diferença no desempenho físico do João. Você sabe o que aconteceu?*
- *Ele está fumando.* ou
- *?? Ele fuma.*

Nesta situação estamos falando da repetição do evento de fumar, sendo que João não precisa nem estar fumando no momento em que a sentença é dita, como mencionado há pouco sobre a sentença (64), o que caracterizaria um hábito de João. A segunda resposta (ele fuma) embora caracterize um hábito, é estranha neste contexto porque o conhecimento compartilhado parece ser o de que João não fumava antes.

Assim, é preciso ser dito que apesar de não termos visto nenhum trabalho que explicasse este fato, parece-nos que sentenças deste tipo, com *estar + ndo* expressando um hábito, carregam uma pressuposição de que antes o evento descrito pelo verbo não acontecia, ou neste caso, a pressuposição de que João não fumava antes. Diferentemente do que acontece com o genérico, como marca o presente simples do PB. Compare o uso do presente simples no contexto abaixo:

Contexto 3:

- *E você sabe onde seu amigo gostaria de sentar?*
- *AH! Com certeza na área climatizada, ele fuma.*

Neste caso parece que o objetivo é caracterizar um hábito de João, ou seja, João é um fumante. A leitura cursiva parece não estar disponível, neste caso.

Um teste que poderíamos fazer para comprovar esta hipótese é imaginar o seguinte diálogo, onde a sentença marcada com o uso da perífrase progressiva é agramatical:

- *Você está fumando?*
- *Eu sempre fumei.*
- * *Eu sempre estive fumando.*

2.1.3 – Uma breve discussão:

Agora que discutimos a interpretação cursiva e a habitual da perífrase, vamos compactar as informações vistas e formular algumas hipóteses.

A primeira delas é de que, talvez, a interpretação cursiva se deva ao uso da perífrase *estar + ndo* combinada com o quantificador existencial (\exists), fechando a variável de evento e mostrando que se trata de um evento apenas em questão, o que diferenciaria a leitura habitual, onde mais de um evento e mais de uma situação está em jogo. Essa leitura seria a default, como propõe Heim (1982)¹⁴ com a noção de fechamento existencial.

A hipótese a se pensar, então, é que, ao contrário da leitura cursiva onde dissemos que talvez o quantificador existencial (\exists) fechasse a variável de evento e caracterizasse apenas uma ocorrência, para se ter uma leitura habitual com a perífrase progressiva, não a variável de evento, mas uma variável de situação estaria presa não pelo quantificador existencial, mas por um operador genérico (GEN), que opera sobre a situação. Poderíamos pensar que

¹⁴ Heim (1982) não consta na bibliografia. Estas informações são conversas informais que tive com minha orientadora.

uma sentença como *João está fumando* com leitura genérica carrega implícito um operador genérico que atua sobre a variável de situação. Esta representação será dada mais adiante.

A literatura sobre a diferença entre evento e situação não é muito extensa. Kratzer (1995) afirma que a variável de evento faz parte da grade temática do predicado, ao contrário da variável de situação, que é o lugar de ocorrência do evento.

Mas outros fatores ainda podem influenciar na escolha pela leitura habitual. Vimos isto em uma citação de Ataliba Castilho, quando o autor falava em “pluralização dos argumentos e/ou ocorrência de adverbiais” (1994:21). Em outras palavras, também o objeto direto e os advérbios podem caracterizar uma sentença como habitual, além do contexto, que estamos sempre mencionando e do papel do sujeito¹⁵:

2.1.4 – O objeto direto:

Diversos fatores devem ser levados em consideração se quisermos analisar a ocorrência de sentenças com a perífrase progressiva. A primeira delas é saber que, fora de contexto, quase sempre as sentenças são ambíguas entre uma leitura cursiva e habitual, como estamos verificando. Desse modo, é necessário que o papel de cada constituinte da sentença seja avaliado, pois só eles podem auxiliar na busca da semântica destas ocorrências.

Seguindo Wachowicz (2003), a primeira estrutura sentencial a ser considerada é a intransitiva, onde o papel do verbo é o grande alvo. Como não há complementos em verbos intransitivos, é a própria semântica dos verbos que denotam as situações, que podem ser de natureza estática, dinâmica, agentiva, não agentiva, etc.

¹⁵ Não achamos relevante para o trabalho tocar no papel do sujeito. Para tanto, ver Wachowicz (2003).

(65) As manchas estão desaparecendo.

Neste exemplo, pode-se perceber que é o verbo *desaparecer* o único responsável pela caracterização da sentença, que pode ter uma interpretação cursiva, em que se está falando de manchas específicas, de uma blusa, quem sabe ou uma interpretação habitual, que pode sugerir o uso de um novo sabão que, até onde se pode conferir, faz desaparecer manchas. Em estruturas intransitivas dependemos bastante do contexto para dar preferência a uma leitura no lugar de outra. O mesmo não ocorre com estruturas transitivas, que vêm logo em seguida das intransitivas e que nos interessam mais para nossa análise da interpretação habitual.

Além do papel que exerce o verbo, nas estruturas transitivas o papel dos complementos tem grande importância, pois são eles que fazem a diferença nas sentenças. Veja os exemplos:

(66) João está construindo casas.

(67) Maria está fazendo bolos.

Estas duas sentenças podem ter interpretação cursiva ou habitual, dependendo de como olhamos para elas. Mas será que existe uma leitura preferencial? Será que existe algo na sentença que marque uma e não outra interpretação? *Casas* e *bolos* no papel de objeto parecem indicar para a leitura habitual. Isso se deve à combinação da semântica do verbo e do complemento no plural, que nos faz logo imaginar uma recorrência de eventos de construir casas e fazer bolos.

É claro que a leitura cursiva não está descartada, uma vez que João pode estar construindo diversas casas e Maria pode estar assando bolos em diversos fornos ao mesmo tempo, num mesmo intervalo de tempo, o que caracterizaria apenas uma única situação de construir casas e de fazer bolos. Porém, uma leve tendência a interpretar sentenças desse tipo como hábitos deve ser levada em consideração.

Aqui, mais uma vez, volta a questão que falávamos no capítulo 1, quando apresentamos os diferentes tipos de aspecto. Se considerarmos os três tipos: episódico (cursivo), iterativo e habitual, como Wachowicz (2003), uma sentença como *João está construindo duas casas* tem caráter iterativo, pois marca a repetição determinada do evento. Para nós, esta sentença pode ser cursiva. Ela descreve mais de um evento, sem dúvida, mas não deixa de marcar a progressão da sentença, o que a torna cursiva.

2.1.5 – Os advérbios:

Também o papel dos advérbios se mostra importante se nosso objetivo é descrever o significado de sentenças na forma progressiva. De acordo com Ilari (1997) os meios que a língua coloca à disposição dos falantes quando se trata de repetição, reiteração, são bastante articulados. Os eventos podem ser apresentados por número de vezes que ocorreram, como:

(68) João está falando pela **terceira vez**.

Podem mostrar de maneira indefinida a recorrência do evento, além de caracterizar a frequência desta repetição, que pode ser alta como em (69) e (70), média como em (71) ou baixa como em (72):

- (69) João está fumando **direto**¹⁶.
- (70) **Ultimamente** João está comendo demais.
- (71) **De vez em quando** João viaja para São Paulo.
- (72) **Raramente** João fuma cigarro.

Repare que quanto menor a frequência do evento, maior a preferência pelo uso do presente simples no lugar da perífrase, como em (71) e (72). Advérbios como *regularmente* e *eventualmente* dão o perfil de maior ou menor regularidade à sentença. Também quando se especifica o horário em que o evento ocorre, a interpretação parece ser habitual:

- (73) O caminhão de lixo está passando **às 8 horas da noite** no verão.

Neste caso não resta dúvida de que se trata de um habitual. Advérbios como *ultimamente* também privilegiam uma leitura deste tipo.

2.1.6 – Habitualidade versus Genericidade:

Resumindo em um esquema, o que vimos até agora é que a perífrase progressiva *estar + ndo* pode ter duas interpretações: uma cursiva, caracterizando um evento em particular e uma habitual, caracterizando a repetição de um evento que antes não se supunha ocorrer. Vimos, também, que a habitualidade pode ser gerada através de um complemento como o

¹⁶ Este advérbio não é estudado por Ilari (1997), mas demonstra iteração, sem dúvida. Para ver a ocorrência de ‘direto’ ver Pires de Oliveira & Gallotti (2001).

objeto direto no plural ou ainda através de advérbios que caracterizem a reiteração. Krifka et al. (1995) ainda acrescentam:

“... habitual sentences are characterizing sentences whose predicates are derived from an episodic verbal predicate. This can now be refined by saying that habitual sentences express generalizations over situations that are specified by corresponding episodic verbal predicate” (1995:32)

Apesar de as sentenças habituais caracterizarem generalizações sobre situações, e das sentenças universais expressarem verdades absolutas, o mesmo operador GEN é utilizado na forma lógica destas sentenças.

Ainda segundo Krifka et al. (1995) existem dois tipos básicos de genericidade: o SN genérico (SN kind – SN espécie), em que a genericidade é dada pelo sintagma genérico, como em:

(74) O feijão foi introduzido no Brasil em 1500.

E as sentenças genéricas, que não são verdades universais pelo fato de aceitarem exceções e também advérbios como *geralmente* e *tipicamente*, sem uma mudança substancial no significado da sentença, como em:

(75) Geralmente homem não usa saia.

O interessante é notar que o *estar + ndo* não faz generalizações com sentenças do tipo lawlike. O que nos ajuda a argumentar que o hábito, quando expresso através da perífrase, carrega uma pressuposição de que o evento descrito não acontecia antes. Imagine as regras do jogo de xadrez, por exemplo. Nela poderíamos usar (76), mas não (77):

(76) Bispo se move diagonalmente.

(77) # Bispos estão se movendo diagonalmente.

A não ser que a história do jogo de xadrez mostrasse uma mudança nas regras do jogo, onde antigamente o bispo se movia em linha reta, por exemplo, e de algum tempo para cá *Bispos estão se movendo diagonalmente*.

O problema é que se atribuímos a mesma forma semântica a sentenças que indicam hábito e são expressas pelo presente simples e pelo progressivo, como no caso abaixo, apagamos a diferença de significado acima descrita:

(78) a. João fuma.

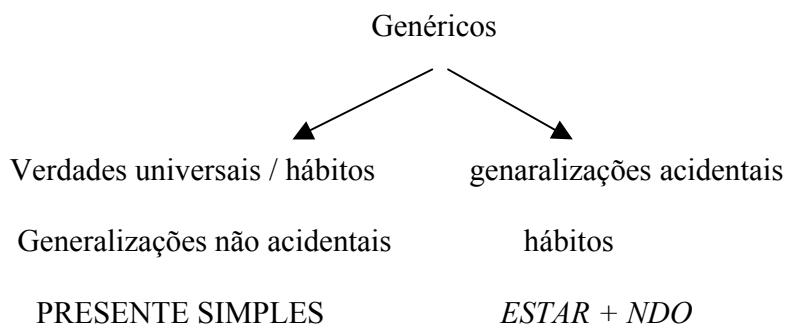
b. João está fumando.

c. GEN ($s, x;$) ($x = \text{João} \ \& \ s \ \text{é uma situação de fumar} \ \& \ \text{João está em } s; \text{ João fuma em } s$)

A forma semântica em c. vem da proposta de Krifka et al. (1995) para a descrição das sentenças habituais e pode ser lida da seguinte maneira: se s é uma situação de fumar e João está em s , então João fuma em s .

Não temos uma solução para este fato, mas aparentemente, como já citado, a diferença pode ser captada via pressuposição. A sentença b. só pode ser dita com felicidade num contexto em que faça parte do fundo conversacional compartilhado a informação de que João não fumava antes. Neste caso, pouco importa se faz pouco tempo que ele está fumando ou não. Não se trata, como imaginávamos anteriormente, de um hábito recente, mas de condições de felicidade distintas.

O esquema abaixo resume as ocorrências da genericidade em PB:



2.2 – O Progressivo em Francês e suas características:

Na língua francesa, descrever a semântica do progressivo não depende somente do que já se sabe em outras línguas como, por exemplo, o inglês e o português brasileiro (PB), em que existem perífrases especializadas na marcação de uma ação progressiva; é o caso do *to be + ing* no inglês ou o *estar + ndo* no PB. Em francês não há uma expressão especializada para o progressivo que pode, então, ser expresso de várias maneiras. Até onde pudemos checar, não há muitos trabalhos que descrevam a semântica do presente simples e do *être en train de*, que estamos afirmando serem os mais comuns para expressar a progressividade na língua em questão.

O que afirma a literatura é que não há, em francês, o que chamamos de progressivo, como em outras línguas românicas. Marco Bertinetto (2000) traz um apanhado de como se comporta o progressivo nestas línguas em comparação com o inglês e acaba explicando como funciona o progressivo em francês. Na tabela abaixo, tirada do próprio texto, o autor explica que a coluna St-Prog indica as perífrases com auxiliares que significam “be, stand” e a coluna do Mot-Prog as perífrases com auxiliares como “go, come”:

	State-Prog	Motion-Prog	Marginal types
English	be + V-ing	-	?
French	-	(aller + GER)	être en train de + INF
Portuguese	estar + GER	-	?

O que se tem na língua francesa, segundo o autor, é supostamente um uso marginal da perífrase *être en train de* para marcar uma sentença cursiva, ou seja, uma sentença que descreve um evento simultâneo ao momento de fala, que dá uma certa duração a este evento descrito e que o apresenta como estando em aberto. As palavras do autor para explicar a terceira coluna e o que acabamos de ver são as seguintes:

“The third type is a miscellaneous category comprising the residual devices. As can be seen, in French the third type is virtually the only one existing (considering that *aller + GER* in Modern French is extremely rare). However, even with these languages it is correct to call this type Marginal because of its relatively infrequent usage.” (Bertinetto, 2000:3)

Num primeiro momento, o que estamos afirmando, baseados no que encontramos na literatura, é que a língua francesa não utiliza comumente uma perífrase para o progressivo, mas parece claro que a noção semântica de progressividade está presente na fala dos usuários da língua.

De acordo com alguns manuais, como o *Le Bon Usage*, de Grevisse (1975), a expressão *être en train de* seria a responsável, junto com algumas outras locuções, por marcar o aspecto durativo de um evento em uma certa sentença, o que nos faz imaginar que esta perífrase é a forma progressiva em francês. Porém, ela não é o recurso mais utilizado pelos falantes do francês para expressar a cursividade. Algumas gramáticas mais recentes e até mesmo o manual de Grevisse, mas, principalmente, a língua falada no dia a dia mostram que o presente simples, em francês, é utilizado frequentemente para marcar um evento que ocorre no mesmo instante do momento de enunciação, ou como estamos chamando aqui, um evento cursivo. Por isso a idéia de não ter progressivo em francês, pelo menos marcado por uma perífrase específica. Vale lembrar que Bertinetto (2000) nada discute sobre a progressividade do presente simples em francês ou em qualquer das outras línguas, o que nos parece inadequado, precisamente porque aí há variabilidade entre as línguas. O presente simples em francês expressa cursividade, ao passo que o PB não (ao menos nos usos mais comuns).

Os exemplos abaixo mostram duas sentenças que, teoricamente, veiculam o mesmo significado. Fizemos um teste com alguns professores universitários de língua e falantes nativos que, num primeiro momento, respondiam se as duas sentenças eram gramaticais na língua francesa; posteriormente, indicavam qual a sentença predileta para descrever um evento simultâneo ao momento de fala e, por último, o significado, em PB, da sentença. O

resultado indica a sentença *João está atravessando a rua* como tradução, e a escolha por (80) no lugar de (79):

(79) *Jean est en train de traverser la rue.*

(80) *Jean traverse la rue.*

Seja qual for o motivo que o falante tem para escolher uma sentença no lugar de outra, afirmamos logo acima que os exemplos estariam veiculando o mesmo significado. Isso significa dizer que as sentenças acima são sinônimas, diferentemente do que sugerimos para o PB. Segundo Chierchia (2003) a definição de sinonímia é a seguinte:

(81) A e B são c-sinônimas: A é consequência de B e B é consequência de A.

Se (79) acarreta (80) e (80) acarreta (79), como é o caso, então estamos diante de duas sentenças sinônimas. Mas a questão é a seguinte: será que sempre o *être en train de* vai ser sinônimo do presente simples em francês? Parece que não. Nosso objetivo é tentar responder essa e outras questões que surgirão ao longo da discussão.

Na literatura sobre o aspecto de tradição francesa, a nomenclatura e a base teórica utilizada para explicar o que aqui estamos chamando de perífrase é diferente. Estas expressões, locuções ou perífrases são chamadas de auxiliares de aspecto (*auxiliaire d'aspects*) ou ainda de semi-auxiliares (*semi-auxiliaire*)¹⁷. São expressões construídas com o verbo *être* flexionado e com o infinitivo como o *être en train de*, o *être à* e o *être*

¹⁷ Annie Monnerie (1987) – *Le Français au présent – grammaire*.

après à, sendo este último muito pouco utilizado atualmente. Os exemplos abaixo são retirados de Grevisse (1975):

(82) *Il est en train de se ruiner.*

(83) *Elle est à s'habiller.*

(84) *Il est après à bâtir sa maison.*

Nosso intuito é poder comparar as formas de expressar progressão em português brasileiro e em francês, colocando-as lado a lado e vendo o que é constante em uma língua e em outra. É claro que para isso não poderemos fugir da tradução, já que estamos comparando as duas línguas, mas não pretendemos criar nenhuma grande regra de funcionamento para o progressivo. Neste caso, trata-se de um trabalho muito mais descritivo, chamando a atenção para alguns fenômenos equivalentes quando se fala sobre a progressividade nas línguas naturais, e, principalmente, em francês e português brasileiro, com o intuito mais geral de ser uma contribuição para o ensino de francês para falantes do PB.

O que nos interessa nesta seção, então, é ver como se comporta o presente simples em francês e quais são suas características de uso, além de analisar a perífrase *être en train de* e suas particularidades, sempre com a presença de alguns exemplos tirados do corpus utilizados para este trabalho¹⁸ e sempre buscando por autores franceses como Paul Laurendeau (1998) e Jean-Jacques Franckel (1989) que falam sobre a progressividade, sobre a questão do aspecto, etc, no francês.

¹⁸ A referência ao Corpus utilizado para a pesquisa está na introdução.

Apesar de a língua francesa dispor de diversas locuções que marcam o aspecto, escolhemos o *être en train de* por ser considerado, quer por alguns manuais ou gramáticas, quer por professores universitários, como o equivalente mais próximo do progressivo em PB, além de ser apontado como o mais comum.

Resumidamente, nossas principais hipóteses estão centradas na idéia de que o presente simples em francês pode ser ambíguo entre uma leitura cursiva e uma leitura habitual. Aparentemente não há preferência por uma ou outra. Trata-se ainda de uma leitura habitual sem qualquer marca de pressuposição (como no PB). Já a perífrase *être en train de* pode, para nossa surpresa, já que essa interpretação não aparece descrita nos manuais que consultamos, além da leitura cursiva receber também uma interpretação habitual. Como veremos, esta última situação é bastante restrita e parece não veicular a pressuposição da perífrase do PB.

Outra observação importante sobre um dos fatores a serem discutidos nesta seção é o freqüente uso de advérbios em francês, que auxiliam na interpretação da leitura cursiva e da leitura habitual. É o caso de *en ce moment, maintenant, tout le jours, souvent, régulièrement*, entre outros. Em termos teóricos parece que o presente simples é uma estrutura ambígua cuja determinação da interpretação se dá composicionalmente quer através de advérbios, o recurso mais freqüente nos dados analisados, quer através do uso do plural na posição objeto. Estamos, nesse ponto, de acordo com a proposta de Verkuyl, presente em Wachowicz (2003).

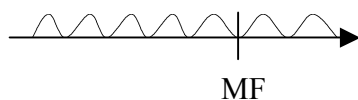
2.2.1 – Sobre o presente simples em francês:

Começaremos esta parte do trabalho afirmando que a morfologia de presente simples em francês pode descrever quatro estado de coisas (ou situações) no mundo, ou seja, ele pode assumir quatro diferentes valores: para caracterizar um evento em curso; para caracterizar um hábito; para caracterizar uma generalização e ainda para expressar futuro próximo (o **futurate** de David Dowty - 1977). Vejamos agora alguns exemplos.

A primeira situação de uso para o presente simples em francês que iremos falar aqui e também a mais recorrente é para descrever um evento que acontece simultâneo ao momento de fala, como em:

(85) Jean mange du pain.

A interpretação mais freqüente para uma sentença como (85), então, é a interpretação cursiva, que ocorre simultâneo a e ultrapassa o momento de fala, o que acaba por veicular uma certa duração no evento, esquematizada da seguinte maneira:



É claro que, além de ser uma sentença que descreve um evento simultâneo ao momento de fala, esta sentença pode ter a interpretação de uma leitura habitual, como se o evento de João comer pão acontecesse com uma certa freqüência, algo como *Regulièrement, Jean mange du pain*, caracterizando um hábito. Apesar de termos marcado a sentença com um advérbio, o *regulièrement*, a leitura habitual poderia ser dada através do

contexto. O mesmo acontece em PB com o presente simples e com a perífrase *estar + ndo*, que também pode ter as duas leituras, como vimos no começo deste capítulo.

É importante lembrar novamente que existe uma diferença entre os valores habituais do francês e do PB. Na língua portuguesa parece haver uma pressuposição de que uma sentença com o *estar+ndo* com interpretação habitual caracterize um evento que não ocorria antes, como mencionamos quando descrevíamos o progressivo em PB. Isto não acontece com a leitura habitual do presente simples do francês. Assim, o presente simples no francês parece estar mais próximo do presente simples no PB.

Vale ressaltar também que a presença de advérbios, ou como algumas gramáticas francesas chamam, os complementos circunstanciais, auxiliam sobre a interpretação que está em jogo. Além do contexto, esta seria uma outra maneira de melhor caracterizar a interpretação de uma sentença. Abaixo, um exemplo tirado do corpus onde o contexto é o de uma entrevista sobre um campeonato de ciclistas e o advérbio em destaque nos remete a uma situação específica, a do momento de fala:

(86) Pourquoi cette affaire intervient-elle **maintenant**?

Outros advérbios em francês podem marcar a sentença para uma leitura cursiva, como vimos com o *maintenant*, mas também para a leitura habitual. O mesmo ocorre com o PB com advérbios como *ultimamente* e *nesse momento*. A recorrência dos eventos pode ser descrita com o *regulièrement*, o *toujours* ou o *souvent*, além de alguns verbos também carregarem esta característica. É o caso de *repartir* em (87), tirado do corpus, onde a presença do morfema *re* indica a repetição do evento descrito:

(87) Une envie de **repartir** à l'étranger sans s'acquitter de sa dette: VISA est là.

Outro valor que o presente simples em francês pode assumir é no caso de sentenças genéricas, as leis, em francês chamadas de verdades eternas (*vérité éternelle*). Nestas sentenças, como vimos quando falávamos em genericidade, não há a presença do tempo. Em outras palavras seria dizer que as condições de verdade das sentenças genéricas não dependem da dêixis, do momento da fala e sim, de outras condições. É o caso de (88):

(88) L'eau bout à cent degrés.

Em PB também usamos o presente simples para falar de generalizações não-acidentais, como em *A água ferve a 100°*. A diferença é que o progressivo em PB não pode expressar leis, precisamente porque ele parece indicar uma pressuposição de que o evento descrito não acontecia antes. Desta forma, uma sentença como (89) é bastante estranha em PB, como o é (90) em francês:

(89) # A água está fervendo a 100°.

(90) * L'eau est en train de bouillir a cent degrés.

O estranhamento desta sentença é semântico. Ela até pode ser usada, mas parece indicar uma mudança de estado, ou seja, digamos que antigamente a água não fervia a 100 graus e a partir de uma certa época, ela está fervendo a 100 graus. Nestes termos ela se torna uma sentença aceitável.

Em poucas palavras, o presente simples em francês além de caracterizar as leituras cursiva e habitual, faz também generalizações, ao passo que a perífrase progressiva do PB descreve apenas sentenças cursivas e habituais (com pressuposição de mudança de estado), ficando as generalizações apenas com o presente simples.

E o último valor¹⁹ que o presente simples assume é para expressar um futuro próximo, imediato (*future immédiate*), quando o que está por vir já está programado ou certo, como em:

(91) Moi, demain, je reste au lit.

Neste exemplo é o advérbio *demain* que nos remete a este futuro próximo, imediato. Este mesmo significado também pode ser dado através do verbo *aller*, como acontece também em PB²⁰:

(92) a . Je vais partir bientôt.

 b. Eu vou partir logo.

Embora não haja consenso sobre a terminologia a ser utilizada e nem sobre a forma de implementá-la, segundo Paul Laurendeau (1998), a questão do aspecto envolve dois tipos de limites: um limite progressivo, em curso de realização e um limite já realizado. Seria o mesmo que afirmar por outro viés o que Ataliba Castilho (1994) diz em seu artigo sobre o aspecto verbal em PB onde uma das faces que o aspecto pode assumir, a qualitativa, se

¹⁹ O presente simples em francês pode ainda assumir um valor narrativo, tempo predileto de resumos e comentários, mas que não é relevante para esta pesquisa.

²⁰Falaremos mais a respeito desta questão no capítulo 3, quando falarmos em David Dowty (1977).

divide entre imperfectivo e perfectivo. Estes são os termos que estamos utilizando nesta pesquisa.

Ou seja, quando se trata de um evento que acontece simultâneo ao momento de fala, temos uma sentença cursiva, imperfectiva, ou como se chama em francês, en cours d'accomplissements (em curso de acontecimento), mas que bem sabemos que pode ou não vir a acontecer, a se tornar. Isto corresponde a afirmar que o evento em questão está em aberto, sem precisar o seu fim e manifesta-se tanto com a leitura cursiva como com a habitual, quer seja através do presente simples, quer através do *être en train de*.

Porém, se estamos falando de um hábito, embora o caráter imperfectivo da sentença se mantenha, o que se tem é uma recorrência de eventos, uma repetição de eventos do mesmo tipo, portanto, eventos já realizados, cuja possibilidade de um novo acontecimento está em aberto. O presente simples do francês se encaixa novamente para expressar este tipo de conteúdo e, apesar de pouco usual, o *être en train de* também pode ter uma interpretação habitual. É o caso de (93), aceita entre os falantes nativos consultados neste trabalho e (94), retirada do Corpus:

(93) Jean est souvent en train de manger du chocolat.

(94) Quand on mange trop, quand on se voit en train de manger trop et que, malgré tous les efforts (...) il faut bien se rendre à l'évidence, on est boulimique.

Toda a sentença, no caso de (94), se faz necessária para que tenhamos a interpretação habitual. O sintagma verbal *est boulimique*, no presente simples, parece evidenciar esta

leitura, afinal a repetição do evento de comer é que faz a pessoa se tornar bulímica, ou ainda estar no estado de bulimia e não apenas um evento de comer muito.

Já o aspecto perfectivo tem a característica de ser fechado no tempo, com um fim específico, como é o caso do *passé composé* em francês, que expressa um evento terminado.

(95) Jean a traversé la rue..

O exemplo (95) mostra que o objetivo de atravessar a rua foi alcançado, mostrando portanto, um fim específico, fechado no tempo.

2.2.2 – A perífrase *être en train de*:

Não há dúvida quanto ao aspecto progressivo presente em sentenças com o *être en train de*, porém, algumas particularidades devem ser traçadas e analisadas, pois o que se pode observar através do corpus e através de testes com falantes nativos é que algumas combinações, se compararmos o francês e o português, não são aceitas pela perífrase francesa, além de ela própria limitar seu uso a alguns tipos de predicado.

Para melhor compreendermos como se estrutura a perífrase francesa iremos assumir a análise proposta por Jean-Jacques Franckel (1989), autor do livro *Etudes de quelques marqueurs aspectuels du français* em seu capítulo específico sobre a perífrase *être en train de*. Apesar de seguir uma outra tradição, aquela que se origina nos trabalhos de

Culioli (apud Franckel 1989), a descrição do autor parece ser compatível com a apresentada na tradição anglo-saxônica, que estamos adotando nesta dissertação.

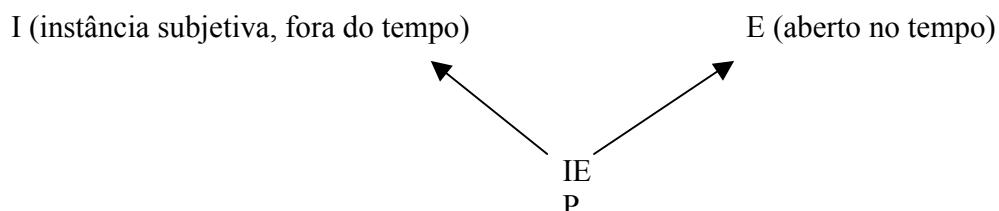
No capítulo referente à perífrase francesa, o autor assume como idéia principal o fato de *être en train de* estabelecer uma **dissociação** entre duas formas de estruturação: uma estruturação da classe de t (tempo), na qual P (predicado em questão), delimita uma sub-classe de t, fazendo o objeto de uma abertura, a qual o autor chama de E, de exterior, e uma estruturação nocional (notionnel), associada a P, mas operada fora do plano temporal, chamada pelo autor de I, de interior, ao qual estaria associada a idéia de algo ser válido, ser possível. Trata-se da perspectiva subjetiva.

O que o autor deseja mostrar com essas colocações é que sempre que se usa o *être en train de* uma relação fica estabelecida: a de que existe uma bifurcação entre aquilo que acontece no tempo, sobre o que estamos falando quando se profere uma sentença, que seria a parte externa e algo que leva a outro plano, fora do plano temporal, que diz respeito somente à possibilidade daquilo que se refere vir a se tornar real. O pólo desta indeterminação é P, também chamado pelo autor de I/E. *Être en train de* só pode ser usado se houver uma bifurcação.

No plano temporal, P é **verdadeiro** no sentido em que se produz nos fatos, se encontra ancorado no tempo, mas ele corresponde, no plano nocional (I) ao **não-verdadeiro**, ao não resultado.

De uma maneira geral, Franckel reparte o uso da expressão em duas grandes famílias: uma em que a construção de I antecede à localização de P, correspondendo a um valor positivo, algo visado, com uma certa intenção da parte de S (sujeito); e uma outra em que a construção de I se faz a partir da localização de P.

Abaixo, o esquema que o próprio autor utiliza para demonstrar o que acontece com a perífrase:



Mas vamos sair um pouco da teoria e ver na prática o que acontece com o *être en train de*, segundo Franckel (1989) e segundo nossos dados do corpus e falantes nativos.

Num primeiro momento, como estávamos vendo, temos uma estrutura onde a construção de I (fora do plano temporal) antecede a localização de P e funciona como reguladora desta localização. Neste caso, I assume um valor positivo, correspondendo a uma expectativa positiva com relação ao objetivo a ser alcançado. É o caso do exemplo abaixo, dado pelo próprio autor:

(96) La voiture, ils sont en train de la réparer.

Onde há um objetivo, que é o de ter o carro concertado, justificando o uso da perífrase. Note ainda que o final, ter o carro concertado, é colocado na perspectiva subjetiva do falante.

Há também o valor de “*procès en cours*”, onde o afastamento das duas construções, a de I e a de P, são de ordem temporal e a localização de P pode ser interpretada como *pas encore* I (ainda não I). É o caso de alguns exemplos, tirados do próprio capítulo, como:

(97) Le gâteau est en train de cuire.

Neste caso, a torta que está cozinhando, ainda não está cozida e o hiato entre P e I corresponde ao restante do processo de cozimento, até que se alcance o objetivo final. O autor chama a atenção para este tipo de seqüência, pois nela o presente simples soaria bastante estranho, dando um outro valor à sentença. Veja os dois exemplos abaixo, onde (98) marca o desenrolar de um processo e (99), no presente, marca a sentença com um valor de algo possível a ser feito:

(98) C'est en train de se faire.

(99) Ça se fait.

O mesmo paralelo ocorre com o PB:

(100) Isto está sendo feito assim.

(101) Isto se faz assim.

Segundo Franckel, a perífrase é dificilmente compatível com processos não-agentivos e com processos compactos, que excluem o valor de intenção.

Já na construção onde I se opera a partir da localização de P, o valor de intenção é totalmente nulo e, mais uma vez, a forma do presente simples se constitui, de acordo com o autor, em uma sentença pouco natural, como mostram (102) e (103):

(102) Regarde! Les lilas²¹ sont en train de fleurir.

(103) Regarde! Les lilas fleurissent

Novamente, o mesmo acontece com o PB, onde *Olhe! As rosas florescem* soa um pouco estranha, tendo preferencialmente interpretação genérica em comparação com *Olhe! As rosas estão florescendo*.

O autor ainda estabelece uma comparação entre alguns verbos como *regarder* e *voir*, *trouver* e *chercher*, mostrando que a perífrase é incompatível com *voir* e *trouver*, por exemplo, porque os dois verbos em questão marcam seu fim neles próprios, não havendo, portanto, a dissociação entre I e E. A partir do momento que eu *vejo* ou que eu *acho*, não cabe mais o *être en train de*, que marca o desenrolar de um processo. O mesmo não acontece com *regarder* e *chercher*, que podem ser processos mais duradouros e não têm o fim em si mesmos.

Nosso objetivo não é resenhar todo o trabalho de Franckel e, sim, evidenciar algumas ocorrências do *être en train de* com o objetivo de compreender melhor essa perífrase. Deste modo, ainda teríamos muito o que discutir sobre este capítulo, mas vamos nos ater a mostrar mais alguns exemplos e esquematizar o que foi visto até agora.

Em primeiro lugar, Franckel nada diz sobre o fato da perífrase francesa poder gerar uma leitura habitual. De qualquer forma, isto foi comprovado através de alguns exemplos propostos a falantes nativos, que com algumas restrições, os aceitaram como sentenças gramaticais da língua francesa, como é o caso de (104), citada anteriormente e (105), tirada do corpus:

²¹ *Lilas* é um tipo de flor. Não fizemos uma tradução literal e a opção aqui foi por rosa.

(104) Jean est souvent en train de manger du chocolat.

(105) Je gagnais parfois, 15.000 F avec un seul client, comme celui qui voulait me voir nu en train de boire du vin.

Interessante é notar que uma sentença parecida com esta, presente em Bertinetto (2000:25), é trazida pelo autor como agramatical, não podendo caracterizar um evento habitual. Vale lembrar que a sentença foi aceita por nossos informantes e que o autor nada explica sobre sua possível agramaticalidade:

(106) Pierre est souvent en train de fumer un cigare quand il vient.

Outro valor um pouco duvidoso, segundo nossos falantes, é o uso da perífrase com predicados de estado, como em:

(107) * Jean est en train d'être un idiot.

(108) * Jean est en train d'aimer Marie.

(108) ainda poderia ter uma interpretação cursiva, se referindo ao ato sexual, mas esta leitura parece um pouco forçada e nada natural. Mas neste caso, *aimer* não indica mais um estado, e sim, uma atividade. Em PB (107) é perfeitamente aceitável (*João está sendo um idiota*) e tem uma interpretação próxima ao *acting-BE* do inglês. 108 também é possível (*João está amando Maria*) e não tem a interpretação de *acting-BE*. Indica a “progressão” de um estado.

Assim como a perífrase do PB, o *être en train de* não expressa leis, como vimos em (* *L'eau est en train de boullir à 100 degrés*).

Há muito ainda o que investigar sobre o progressivo em francês. Longe de uma solução para a utilização de *être en train de*, procuramos apenas destacar algumas compatibilidades e incompatibilidades de ocorrência da perífrase, a fim de descobrir sobre a progressividade em Francês.

2.3 – Comparando as duas línguas:

Ficou faltando, depois de termos visto como se comporta o progressivo em PB e em Francês, uma comparação mais sistemática entre estas duas línguas, uma vez que este é um dos objetivos deste trabalho. O esquema abaixo mostra em rápidas palavras as conclusões do que foi visto durante este capítulo:

Em PB:Perífrase progressiva:*(estar + ndo)*

- ✓ tem uso amplo
- ✓ claramente ambígua entre cursivo e habitual
- ✓ não expressa lei
- ✓ carrega pressuposição quando veicula hábito

Presente simples:

- ✓ tem uso amplo
- ✓ pode expressar o cursivo em contextos marcados
- ✓ expressa hábito e leis
- ✓ não carrega pressuposição

Em Francês:

<u>Perífrase:</u>	✓ pouco usada
(<i>être en train de</i>)	✓ na maioria das vezes cursiva, mas pode ser habitual
	✓ não expressa lei
<u>Presente simples:</u>	✓ tem uso amplo
	✓ claramente ambíguo entre cursivo e habitual
	✓ pode expressar lei

O que podemos concluir é que o presente simples do francês parece abranger mais as características da perífrase progressiva em PB, pois tem uso mais amplo e é claramente ambíguo. Apesar de *estar + ndo* não expressar lei e ter a característica de pressupor uma mudança de estado, como falamos durante o capítulo, parece estar mais próximo do presente simples em francês do que da perífrase *être en train de*. Aparentemente, a perífrase francesa não carrega pressuposição, talvez por seu pouco uso como um hábito.

Capítulo 3 – Discussões teóricas; soluções possíveis:

3.1 – Recapitulando o imperfectivo:

Neste último capítulo nosso intuito é discutir os principais pontos da literatura, a maioria em inglês, que procura uma solução formal para a interpretação cursiva. Discutiremos o que David Dowty propõe em seu artigo de 1977 sobre o paradoxo do imperfectivo e também a solução de Terence Parsons (1990) para o problema; além de voltar ao artigo de Ilari & Montoanelli (1983). Para tanto, vamos relembrar, primeiro, o que vem a ser o paradoxo do imperfectivo. Discutiremos, ainda, o problema da leitura habitual. A hipótese é que uma solução formal deve não apenas ser “universal”, no sentido de explicar as diferentes línguas, como também recobrir os diferentes usos de uma mesma expressão. No nosso caso, trata-se de explicar tanto o cursivo quanto o habitual.

O paradoxo do imperfectivo é um fenômeno que acontece com sentenças que contenham verbos ou predicados do tipo accomplishments e achievements, se seguirmos a classificação de Vendler (1967). Como vimos no capítulo 1, algo estava por trás do fato de alguns verbos ou predicados aceitarem a inferência de uma sentença no tempo simples vinda de uma sentença progressiva, ao passo que outros não. Veja os exemplos abaixo:

(109) João está andando até a padaria.

(110) João andou até a padaria.

(111) João está andando.

(112) João andou.

Agora que já vimos a classificação de Vendler (1967), podemos claramente ver que o par de exemplos (109) e (110) descreve um predicado do tipo accomplishment, uma vez que a característica de predicados deste tipo é ter um telos, um objetivo, neste caso o de ir até a padaria; ao passo que o par (111) e (112) descreve apenas uma atividade, a de andar. O paradoxo surge quando nos perguntamos: de (109) pode-se inferir (110), ou seja, de *João está andando até a padaria*, seria correto afirmar que ele andou até a padaria? Infelizmente, não. Já com o exemplo seguinte é diferente. Se *João está andando*, é possível afirmar que ele andou, uma vez que as atividades ocorrem de maneira homogênea no tempo. É aí que surge o paradoxo. Por que com alguns verbos ou predicados é possível fazer a inferência da sentença progressiva para a simples e com outros não? Justamente pelo fato de os verbos e predicados expressarem diferentemente os eventos que eles descrevem.

Em princípio, pensava-se que só os accomplishments poderiam ser vítimas do paradoxo, porém, também os achievements falham na tal inferência que falávamos. Um exemplo é com o verbo *morrer*, como abaixo:

(113) João estava morrendo.

(114) João morreu.

Da sentença *João estava morrendo*, podemos imaginar que ele estivesse bastante doente, com alguns de seus sinais vitais já comprometidos, quando, de repente, há uma

melhora em seu estado de saúde, que faz com que não corra mais risco de morte. Deste modo, novamente não podemos inferir a sentença (114) de (113), sendo este tipo de predicado também vítima do paradoxo. Já as atividades e os estados não sofrem este problema.

Do paradoxo, então, não se pode fugir. Resta agora buscar uma solução para o problema. Neste trabalho apresentaremos duas delas: a de Dowty (1977), que é praticamente o primeiro a encarar o problema de frente, sendo sua solução uma das clássicas e a de Parsons (1990), que encara a questão sob uma outra perspectiva, como veremos mais adiante.

3.1.1 – A solução de David Dowty (1977):

Como acabamos de rever, o problema todo do paradoxo se coloca quando o acarretamento da sentença progressiva falha. Isto acontece com verbos do tipo accomplishment, que segundo Dowty pedem um estado-resultado (result-state) e como este resultado não é previsível, não se pode do processo em andamento concluir que o resultado irá se efetivar.

O que o autor pretende em seu artigo é descrever as condições de verdade de sentenças imperfectivas progressivas, com o objetivo de resolver o paradoxo do imperfectivo. Dowty inicia sua explicação sobre uma possível solução para o problema introduzindo dois operadores: o de passado PAST e o de tempo progressivo PROG, necessários para a formalização de sentenças como *João atravessou a rua/João está atravessando a rua*. Segundo o autor, que descreve, primeiro, sentenças com predicados do

tipo accomplishments, as duas principais idéias destas sentenças são que elas acarretam que alguma ação ou evento acontece (CAUSE), que causa um resultado como conseqüência desta ação ou evento (BECOME), como, por exemplo, *João desenha um círculo*, onde o evento é o de desenhar e o resultado é a imagem de um círculo (João desenhar um círculo causa tornar-se um círculo). Sendo assim, as condições de verdade para o operador progressivo, na representação de um predicado do tipo accomplishments seria a seguinte:

$$(115) \quad [\text{PROG}[\phi \text{ CAUSE}[\text{BECOME } \Psi]]]$$

Onde ϕ e Ψ são sentenças, CAUSE é um conectivo sentencial de dois lugares e BECOME é um operador de tempo gramatical de um lugar.

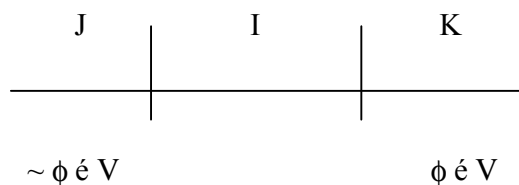
Ao longo de seu texto Dowty reconhece alguns dos problemas para a análise descrita, como por exemplo, o fato de PROG envolver o *tornar-se*, mas não o *causar*, já que a própria sentença (aqui exemplificada por ϕ) indica que alguma ação ou evento acontece e já que os predicados do tipo achievements indicam um estado como resultado, mas não como conseqüência de uma ação ou de um evento, como *morrer* ou *esquecer*, por exemplo; ou ainda a dificuldade em estabelecer as condições de verdade de [PROG ϕ] em termos de um ϕ arbitrário, uma vez que ϕ pode pertencer a qualquer classe aspectual (atividade, estado, accomplishments e achievements); e também a adversidade em atribuir um valor de verdade a uma sentença com relação a um determinado momento e não a um intervalo de tempo. Isto implicaria, por exemplo, em interpretações não muito intuitivas com predicados do tipo *construir uma casa*, que envolvem, certamente, um intervalo de tempo e não apenas um momento.

Deste modo, resolve fazer algumas modificações adotando, em primeiro lugar, a seguinte condição de verdade para [BECOME ϕ], relativa a um intervalo I:

- (116) [BECOME ϕ] is true at I iff (1) there is an inicial boundary interval J for I such that $\sim\phi$ is true at J and (2) there is a final boundary interval K for I such that ϕ is true as K. (Dowty 1977:52)

[BECOME ϕ] é verdadeiro em I sse (1) houver um intervalo inicial J adjacente a I tal que $\sim\phi$ seja verdadeiro em J e (2) houver um intervalo final K adjacente à I tal que ϕ seja verdadeiro em K.

O gráfico abaixo representa o que acabamos de mencionar:



Esta solução também enfrenta seus problemas, pois o intervalo representado por I, em que ϕ , teoricamente, passa de $\sim V$ para V é bastante vago e a regra proposta por Dowty nada específica sobre este intervalo. O autor tenta reparar este problema incluindo uma nova cláusula nas condições de verdade de [BECOME ϕ], mas chega à conclusão de que é a pragmática que daria conta do problema, ou seja, a questão não faria parte das condições de verdade de [BECOME ϕ], e sim das condições de felicidade (máxima conversacional de Grice – Dowty, 1977:53).

A solução aventada por Dowty, então, é imaginar o operador PROG como um tipo de operador modo-temporal, para que possa expressar a possibilidade do resultado de um evento, mas não afirmar a certeza de tal resultado. Isto significa dizer que a idéia de mundos possíveis deve ser acrescida. Agora [PROG ϕ] deve ser verdadeiro relativo a um intervalo de tempo e a um certo mundo, onde as coisas transcorrem exatamente da maneira que a sentença progressiva descreve:

(117) [PROG ϕ] is true at I and w iff there is an interval I' such that $I \subset I'$ and there is a world w' for which ϕ is true at I' and w', and w is exactly like w' at all times preceding and inclining I. (Dowty 1977:57)

[PROG ϕ] é verdadeiro em I e w sse houver um intervalo I' tal que $I \subset I'$ e houver um mundo w' para o qual ϕ seja verdadeiro em I' e w', e w seja exatamente como w' em todos os tempos que precedam e incluam I.

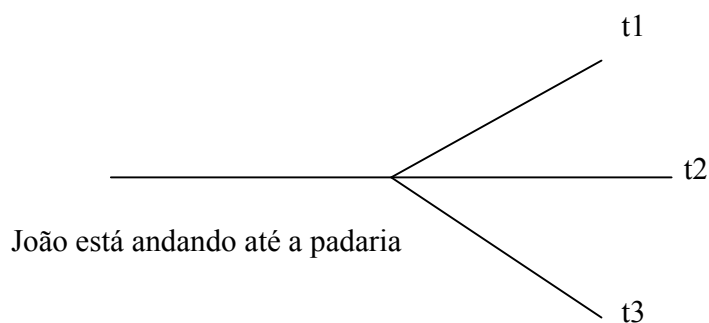
Vejamos como a regra se aplica a sentença (109). Ela afirma que há um intervalo de tempo que inclui o intervalo em que o evento está em curso no mundo atual, em um mundo em que os eventos transcorrem de maneira tal qual eles deveriam transcorrer, em que, portanto, o evento em curso culmina; Neste mundo inercial, João andou até a padaria, ou seja, nele o resultado se efetivou.

Porém, alguns problemas voltam a causar incômodo para a solução de Dowty, entre eles a definição exata de quando dois mundos são parecidos um com o outro. O autor chega a afirmar: “dois mundos devem ser parecidos em um tempo t se e somente se tudo que for verdadeiro no primeiro mundo em um certo t for verdadeiro num segundo mundo e no

tempo correspondente”²². Mas Dowty confessa que esta afirmação é muito forte, uma vez que excluiria as proposições relacionadas ao futuro e que a solução implicaria em dois mundos idênticos todo o tempo e não só até t . O que faria o paradoxo retornar.

A alternativa seria pegar um modelo estrutural que incluísse não só um conjunto de mundos, de tempos e de relações de anterioridade e posterioridade, mas também uma relação (R) que ordenasse pares de mundos e tempos. A relação $R(w_i, w_j, t_i)$ daria conta que w_i seja exatamente como w_j em todos os tempos até e incluindo t_i . Trata-se da noção de semelhança de mundos.

Porém, uma outra forma para se analisar o progressivo é analisada pelo autor: a de tomar o tempo não mais como linear, mas como sendo **ramificado**, com a possibilidade de **diversos futuros**. Em vez de pensarmos em múltiplos mundos possíveis, pensaríamos em múltiplos futuros possíveis. Algo como:



Deste modo, “... [PROG ϕ] is to be true at I iff there is an interval I' including I and thus extending into some possible future(s) of I such that ϕ is true at I' .” (Dowty, 1977:63)

²² Citação original: “Two worlds should be alike up to a time t if and only if everything true in the first world at any time up to t is true in the second world at a corresponding time.” (Dowty, 1977: 61)

Porém, a possibilidade de uma sentença BECOME vir a não obter seu resultado, uma vez que o subintervalo final de I pode ou não estar no futuro possível em que I venha a se concretizar, prejudicaria a atribuição de um valor de verdade a [FUTURE ϕ], problema este que não aconteceria se o tempo estivesse sendo tratado como linear.

Deste modo, a solução de Dowty toma o rumo dos mundos possíveis, ou mundos de inércia, já que sua proposta não difere muito desta dos tempos ramificados e o autor ainda a estende para um outro uso que o progressivo presente em inglês pode assumir, o futurate.

3.1.1.2 - O futurate progressive:

Veja o exemplo abaixo:

(118) John is leaving town tomorrow.

João está deixando a cidade amanhã.

Diferentemente de uma sentença progressiva imperfectiva, para uma sentença como (118) ser verdadeira não é preciso, aparentemente, que já se tenha entrado no menor intervalo de tempo onde *John leaves* seja verdadeiro. A semelhança entre a progressiva imperfectiva e o futurate, segundo o autor, se faz na medida em que ambos parecem incluir um tempo que precede à ação dos accomplishments e dos achievements. Ao contrário do PB, em inglês o futurate progressive não fica bem com estados e atividades. Em PB as sentenças abaixo são perfeitamente aceitáveis:

(119) A essa hora amanhã João está correndo.

(120) Amanhã para a prova, o João está sabendo a matéria.

O primeiro exemplo mostra uma atividade, *correr*, que ainda não começou no momento de fala, caracterizando o futurate; ela tanto pode estar expressando uma cursividade como um hábito. Já o outro exemplo mostra um estado, o de saber a matéria, que está em curso e que, de alguma forma está conectado ao presente, apesar de falar sobre o futuro.

O autor explica que parece haver uma tendência psicológica nos humanos de estender a duração do tempo para trás, podendo chegar até o momento de decisão do agente (quando existe um) em praticar uma determinada ação. É o caso do exemplo (118), dado por Dowty, e também de (121), adaptado de Ilari & Montoanelli (1983):

(121) João está se mudando.

O evento descrito é considerado como já estando em progresso, uma vez que *se mudar* envolve uma série de planejamentos prévios, como encaixotar os pertences, procurar um outro imóvel, além de a própria estrutura interna do verbo indicar a ação para o futuro.

Pelo que mostra a literatura, o futurate progressive ocorre em todas as línguas naturais. Desta maneira, não seria diferente com o PB, como vimos nos exemplos acima e nem com o Francês. A questão é que, como o francês não tem uma forma progressiva muito usual, é também papel do presente simples expressar o futuro, como mencionamos no capítulo 2. É o caso de:

(122) Jean part demain.

(123) Demain je parle avec toi.

Os dois exemplos acima mostram o presente simples expressando um futuro. Há também uma outra maneira de se falar do futuro, em francês, utilizada freqüentemente pelos falantes: trata-se do *futur proche* (futuro próximo), onde o verbo auxiliar fica no presente e o principal no infinitivo, como no exemplo abaixo:

(124) Jean va partir demain.

Porém, este tipo de futuro nada tem a ver com o *futurate progressive* exemplificado anteriormente, porque não se veicula a idéia de que se está na fase preparatória. Vale ressaltar, também, que a perífrase *être en train de* não marca o *futurate*. Desta maneira, um exemplo como (125) é agramatical:

(125) * Jean est en train de voyager demain.

Dowty nada fala sobre o comentário a seguir, mas a impressão é que o *futurate progressive* é utilizado quando o falante tem certeza absoluta da afirmação que está fazendo na sentença; é como se ele já estivesse no evento em curso, como alguém que tenha a certeza de uma viagem, pois já tem as passagens, o visto e diz: *Estou indo viajar para os EUA*. Poderíamos considerar que o falante apresenta o processo como se já tivesse seu início, pois nos exemplos que vimos, a viagem já está sendo planejada, o que

justificaria a sentença estar na forma progressiva. A idéia sobre esta certeza que o falante parece ter não se mostra tão absurda. Veja que se colocarmos alguma incerteza na estrutura da sentença, não podemos mais usar a forma progressiva, ficando melhor o presente simples ou o próprio futuro:

(126) # Se eu chegar amanhã até às 3 horas estarei te ligando, ok?

(127) Se eu chegar amanhã até às 3 horas te ligo/ligarei, ok

Segundo Dowty, então, é possível estender sua interpretação do progressivo imperfectivo para o progressivo futuro, sem maiores problemas. Mas como nosso objetivo é outro, deixaremos esta questão de lado e passaremos à solução de Terence Parsons (1990) para o problema do paradoxo do imperfectivo.

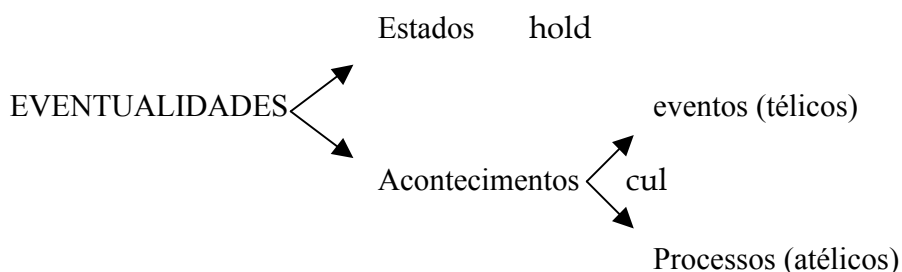
3.1.2 – A solução de Terence Parsons (1990):

Em seu capítulo reservado ao progressivo em inglês, Parsons (1990) acrescenta uma nova proposta, diferente da de Dowty (mundos possíveis – mundos de inércia), que seria imune ao paradoxo e não necessitaria da maquinaria da semântica de mundos possíveis. A principal idéia de sua teoria é a relação do progressivo com os eventos subjacentes da sentença. Parsons não trabalha com a idéia de mundos possíveis e, segundo ele, a solução de Dowty permite a volta do paradoxo, uma vez que o próprio mundo atual é um dos mundos de inércia (um dos mundos possíveis), eis o raciocínio:

Suponha que entre os mundos de inércia, isto é, aqueles mundos em que os eventos se desenrolam de modo “normal”, previsível, esteja o nosso mundo. Nesse caso, no nosso

mundo os eventos têm o curso esperado, o que leva a resultados indesejáveis, porque agora não é mais possível captar que a sentença imperfectiva progressiva de verbos do tipo accomplishment e achievement não acarreta a sentença simples.

Segundo a proposta de Parsons, que trabalha com o termo **eventualidade** para descrever os diferentes tipos de “eventos” que sua ontologia postula, sentenças eventivas não progressivas requerem que este evento culmine (CUL), ou seja, que ele se realize; enquanto que sentenças progressivas e estativas requerem apenas que o evento principal perdure no tempo, que continue, ou como a própria classificação nomeia: que HOLD. O esquema abaixo, baseado em Chierchia (2003), apresenta as distinções feitas por Parsons. Em seguida, dois exemplos que mostram como seria a interpretação de sentenças que culminam ou que perduram no tempo:



(128) João atravessou a rua. (evento que culminou)

(129) João está atravessando a rua. (evento *hold* – João está no **estado** de atravessar a rua)

Ao invés de uma sentença progressiva, com um predicado do tipo accomplishment, pedir um resultado e não poder inferir este resultado, gerando o paradoxo, a proposta de

Parsons pretende-se mais sofisticada, pois afirmar que um evento hold em um certo tempo não implica que ele culmine naquele ou em outro tempo qualquer, não prejudicando a inferência de nenhuma sentença progressiva, com os mais diversos tipos de predicados, se voltarmos a pensar na classificação de Vendler. Uma sentença progressiva é interpretada como expressando o “estado” de um evento em progressão. Ela é um estativo, uma intuição presente em vários autores.

Sentenças que culminam, como (128) teriam a representação (130) e sentenças que não culminam, ou seja, que hold, seriam representadas como em (131):

(130) $(\exists t) [t < \text{agora} \ \& \ (\exists e) [\text{atravessar}(e) \ \& \ \text{Agente}(e, \text{João}) \ \& \ \text{Tema}(e, \text{a rua}) \ \& \ \text{Cul}(e, t)]]$.

(131) $(\exists t) [t = \text{agora} \ \& \ (\exists e) [\text{atravessar}(e) \ \& \ \text{Agente}(e, \text{João}) \ \& \ \text{Tema}(e, \text{a rua}) \ \& \ \text{Hold}(e, t)]]$.

Transpondo isto para uma linguagem natural, seria o mesmo que dizer: existe um tempo, este tempo é anterior ou igual a agora, existe um evento, que é de atravessar, que tem como agente João e meta a rua e que culmina ou perdura em t.

O autor afirma ser plausível que para cada evento que esteja em progressão, há um único estado associado, o estado In-Progress (em curso) do evento, que perdura no tempo (hold) tanto quanto o evento estiver em progressão. Isto seria uma explicação alternativa, que implicaria em uma pequena mudança na representação acima (ao invés de Hold (e,t)

Hold (In-prog(e,t)), o que confirmaria a idéia de que somente os estados e nunca os eventos podem ser caracterizados como hold.

De acordo com Parsons, sua teoria teria dois pontos desconfortáveis. O primeiro deles é sobre a especificidade de um evento, isto é, sobre a ausência de um processo específico que possa tornar a sentença progressiva verdadeira. Se a sentença progressiva *John is making me a millionaire* for verdadeira, deve haver um evento do tipo em questão que está em progressão. Esta sentença pode se tornar verdadeira através de diversas atividades, sem que nenhuma tenha relação direta com o fato de alguém se tornar milionário. O problema todo se coloca em como saber qual é o evento que torna este tipo de sentença verdadeira. Quando estamos falando de um evento como atravessar a rua, por exemplo, sabemos exatamente para qual evento olhar. A justificativa final do autor é a seguinte:

“ This is a fact about causative-inchoatives, but is not incompatible in any way with the proposed account of the progressive, and so it is not an objection to it.” (Parson, 1990:173)

O outro ponto a se considerar em sua teoria é o problema dos objetos inacabados. Segundo a definição, se “X is A-ing a B” deve haver um ‘B that X is A-ing’. Ou seja, se:

(132) João está construindo uma casa.

$(\exists e)$ [construir (e) Agente (e, João) & Tema (e, casa) & HOLD (e)]

for uma sentença verdadeira, deve haver uma casa da qual estamos falando, ou ainda, $\exists x$ tal que x é uma casa que João está construindo. Mas intuitivamente sabemos que pode ser possível que a casa nem exista ainda, ou que só um esqueleto dela esteja pronto ou

ainda que por qualquer motivo que seja, João tenha parado de construir sua casa. Isso não nos impediria de chamar “aquilo” de casa, ou de afirmar que *João estava construindo uma casa*, pois estaríamos diante, apenas, de um objeto inacabado (unfinished object). O problema se coloca com verbos de criação, que requerem a presença física de um objeto. O autor ainda explica que o problema não é ontológico, uma vez que todos concordam que a coisa em questão exista. A questão é saber quando é que podemos chamar aquele objeto de casa, ou seja, quando uma casa inacabada passa a ser chamada de casa, propriamente? Ou ainda, o quanto de uma casa precisa estar construído para que seja corretamente chamada de casa? Para Parsons, o problema está no uso de certas palavras ou predicados como: *imaginar, começar a, planejar, etc.*

O mesmo problema se coloca quando estamos diante de sentenças como *estou fazendo um bolo*, quando este bolo ainda não está pronto e estamos apenas no processo de separar os ingredientes e fazer a massa. Seria, então, um problema que independe da sentença estar na forma progressiva, uma vez que a sentença poderia ser outra, como *Hoje pela manhã, vou fazer um bolo*, onde o bolo também não existe ainda. Novamente, segundo Parsons:

“There may very well be a problem here, but it is a general problem about the ontological presuppositions of the things we are inclined to say, and it is not peculiar to the progressive.” (Parsons, 1990: 175)

Segundo o autor, parece haver duas maneiras para se usar o progressivo: uma para falar de um processo que, claramente, já começou e outro para falar da preparação para o início de um processo, sendo este último caso o do *futurate progressive* de Dowty.

Outra contribuição de Parsons é sobre a diferença entre processos e eventos, que envolve a capacidade dos predicados em mudar de uma categoria para a outra. É o caso de *correr* e *correr até a padaria*, por exemplo. Segundo o autor, um processo como *correr* implica em uma série de sub-eventos de correr que culminam. Porém, o que deve ser levado em consideração, é que quando estamos falando sobre um processo como *correr*, por exemplo, a maioria das vezes, estamos nos referindo ao processo como um todo e não a seus sub-eventos. Já predicados como *correr até a padaria* não são encarados como processos, mas como eventos, que só se concretizam quando alcançarem seu objetivo.

3.1.3 – Cotejando as soluções:

Há pelo menos uma crítica que pode ser feita ao modelo de Dowty, do qual a proposta de Parsons está imune. Veja que, segundo a proposta de Dowty, sentenças no progressivo serão sempre verdadeiras, porque há sempre um mundo em que as coisas caminham como previsto. Os falantes, no entanto, podem avaliar uma sentença progressiva como falsa. Imagine, por exemplo, que a Maria está hospitalizada, em coma, e alguém diz:

(133) A Maria está terminando sua dissertação.

Na situação descrita, a sentença é falsa. Este ponto é levantado por Portner (1998) em relação ao exemplo abaixo em inglês, mas como o raciocínio vale para o PB, vamos discuti-lo nesta língua. Vejamos a sentença (134), abaixo, dita numa situação em que Maria matou 3 soldados de uma batalhão de 200.

(134) Maria está aniquilando o exército romano.

Segundo a análise de Dowty esta sentença, assim como a anterior, é verdadeira porque há um mundo em que os eventos descritos se realizam. A solução proposta por Portner (1998), que não discutiremos aqui, é uma semântica modal mais sofisticada que incorpore a idéia de “ordenação de mundos”.

Note que, segundo a proposta de Parsons, tanto (133) quanto (134) são sentenças falsas. (133) é falsa porque se a Maria está em coma, ela não pode estar no estado em curso de terminar a dissertação. O mesmo raciocínio vale para (134). Esse já seria um motivo para afirmar que a proposta de Parsons é melhor; sem contar que ela não gera o paradoxo, além de ser ontologicamente mais econômica, mesmo com a estória de objetos inacabados.

Um outro aspecto refere-se à questão da leitura habitual. Na próxima seção veremos como Ilari & Montoanelli (1983) tentam adaptar a proposta de Dowty para explicar esse caso da perífrase.

3.1.3.1 – A solução de Ilari& Montoanelli (1983) para o habitual:

Em seu artigo sobre as formas progressivas em português, Ilari & Montoanelli discutem a solução de David Dowty para o paradoxo do imperfectivo. Mas como Dowty

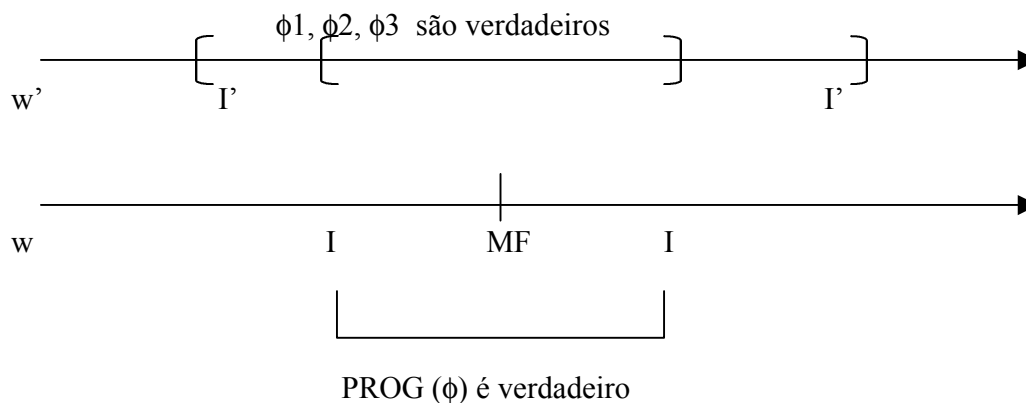
nada comenta sobre o fato de algumas línguas expressarem habitualidade com a forma progressiva, como é o caso do PB, do Francês e também do inglês, Ilari & Montoanelli, por mais que considerem a categoria dos habituais bem mais complexa para se encaixar na solução de Dowty, tentam estender a solução do autor para a questão dos habituais.

Porém, acabam por induzir o leitor para uma conclusão que não se pode tirar da fórmula de Dowty. A proposta dos autores, considerando uma sentença como *Maria está cozinhando as refeições mais rápidas no fogão elétrico, e as mais demoradas no fogão a gás*, afirma que exista:

- a) no mundo real: um período relativamente breve I, que compreende o momento de fala/referência.
- b) num mundo meramente possível: um período I', mais longo e englobando I, durante o qual são verdadeiras “Maria cozinha as refeições mais rápidas no fogão elétrico e as mais demoradas no fogão a gás.”
- c) os dois mundos seriam idênticos até o término de I, e eventualmente distintos em seguida.

(Ilari & Montoanelli, 1983:54)

Graficamente, o que os autores estão afirmando é o seguinte:



Se, no entanto, compararmos a regra do progressivo elaborada por Dowty, ver item (117), notamos que ela não permite que haja mais de uma sentença ϕ . Assim, as cláusulas apresentadas acima não dão conta de uma quantificação de eventos, característica de sentenças habituais. No item b os autores afirmam que no período descrito “são verdadeiras” as sentenças “Maria cozinha as refeições mais rápidas...”, só que a fórmula do Prog em Dowty não suporta tal extensão porque ela se aplica a um evento apenas. Não há como dar conta, pelo menos não desta maneira, de uma repetição dos eventos de preparo das refeições.

Portanto, a solução aventada por Ilari & Montoanelli para os habituais não é possível de ser tirada da solução para sentenças imperfectivas progressivas de Dowty. Resta a questão: como derivar a interpretação habitual da progressiva? Ou será que estaríamos diante de dois operadores distintos: o PROG para o cursivo e o GEN para o genérico, o habitual? O mesmo problema se coloca para Parsons, que estamos considerando ser melhor para explicar o cursivo, mas nem ele e nem Dowty explicam o habitual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Durante todo este estudo, procuramos deixar claro a dificuldade do semanticista na busca pelo significado das palavras, das sentenças, das perífrases. Deparamo-nos com diversos desafios, já que se tratava de uma comparação bastante inédita. O primeiro deles, com certeza, descobrir como se manifestava o progressivo na língua francesa, já que esta parecia não ser uma questão clara na língua e também um pouco rara na literatura. Nossa conclusão é de que não há efetivamente uma forma progressiva usual. O presente simples é a maneira usual de expressar a progressão e o hábito, que podem também ser expressos pela perífrase *être en train de*, de uso mais restrito. Para o PB, pelo menos já tínhamos em mãos o objeto de estudo, a perífrase *estar + ndo*, cujos trabalhos são cada vez mais frequentes.

Ultrapassado este obstáculo, tentamos buscar na literatura a essência da progressividade, discutindo sobre o aspecto, sobre o tempo e sobre todas as questões teóricas que pudessem envolver a imperfectividade. Este foi o objetivo do primeiro capítulo, onde apenas sugerimos exemplos em PB e em Francês e onde também apresentamos brevemente o paradoxo do imperfectivo e introduzimos a questão dos eventos. No capítulo seguinte, discutimos mais explicitamente como se comporta a progressividade nestas duas línguas. Iniciamos com a perífrase em PB, revelando suas duas ocorrências: uma cursiva e outra habitual e terminamos com o francês, onde o presente simples e o *être en train de* possuem as mesmas duas leituras de *estar + ndo*, mas com algumas particularidades. Já o terceiro capítulo foi reservado para uma breve discussão de possíveis soluções para o problema do paradoxo do imperfectivo.

E, apesar de várias considerações já terem sido feitas, vamos agrupá-las novamente nesta parte do trabalho, com o intuito de revê-las e, principalmente, com o objetivo de levantar algumas das questões que ficaram em aberto.

Em PB não resta dúvida do papel da perífrase *estar + ndo* e das ocorrências que ela sugere: a cursiva e a habitual. Porém, em francês, como parece não haver uma forma progressiva, ficou muito claro que o presente simples e o *être en train de* não são sempre sinônimos. Mas faltou uma pesquisa mais profunda que se perguntasse, por exemplo, quais são precisamente os critérios que os diferenciam. Vimos alguns exemplos de quando uma forma é mais adequada que a outra, mas diversos são os fatores que podem contribuir para estas diferenças. Repare nos seguintes exemplos, apresentados para nossos informantes nativos:

(135) Jean est souvent en train de manger du chocolat.

(136) ?? Jean est en train de manger du chocolat tous les jours.

O primeiro exemplo foi aceito por todos os falantes, mas o segundo não. Nosso objetivo era comprovar que a perífrase em francês pode também expressar um hábito, além de mostrar um evento em curso. Porém este outro fato veio à tona. Por que com o advérbio *souvent* a sentença fica boa para os falantes e com o sintagma nominal *tous les jours* não? Pelo que parece, depende também do advérbio para que algumas ocorrências sejam possíveis na língua francesa. Dissemos também porque sabemos que a preferência pelo uso do presente simples ou da perífrase pode depender da própria natureza do verbo em questão ou até mesmo do contexto. Lembremos dos exemplos do *regarder* e *trouver*.

Que tanto o presente simples em francês quanto o *être en train de* expressam o evento em curso e a habitualidade, pudemos confirmar. Não podemos deixar de mencionar que a habitualidade com a perífrase francesa é bem mais rara, mas como vimos no exemplo acima, ela é gramatical e foi detectada no corpus escrito. A dificuldade se coloca na medida em que a intuição dos falantes aceita algumas sentenças e outras não. Outra curiosidade da língua francesa é com o *toujours*. Quando apresentamos algumas sentenças com este advérbio para nossos informantes vimos que duas interpretações eram possíveis. Veja o exemplo:

(137) Jean est toujours en train de chanter.

Esta sentença pode ter a interpretação de que João está sempre cantando (e era essa que queríamos comprovar), mas também a interpretação de que ele ainda está cantando, ou seja, de que João ainda não começou outra atividade, o cantar ainda está em curso. E talvez pelo fato de ser um advérbio que contém algumas características particulares, este exemplo não tenha sido usado no capítulo sobre o francês, pois o que queríamos era tentar esclarecer a habitualidade da perífrase e não aparecer com uma outra interpretação; mas um estudo mais detalhado deste advérbio se faz necessário.

A nossa grande contribuição com relação à perífrase do PB foi ter percebido a diferença no uso habitual da perífrase e do presente simples. Identificamos apenas no uso habitual da perífrase a pressuposição de que era de conhecimento compartilhado entre os interlocutores que o hábito sobre o qual eles estão falando não era hábito. Daí a impressão, presente em Ilari & Montoanelli (1983), que a perífrase expressa algo recente. Uma descrição minuciosa dessa pressuposição ainda está por ser feita.

Deixando um pouco de lado esta discussão sobre como se comporta a progressividade em francês e em PB, vamos voltar às soluções de Dowty e de Parsons para o paradoxo do imperfectivo. Como vimos, este paradoxo é um fenômeno inevitável das sentenças na forma progressiva. No terceiro capítulo, apresentamos essas duas soluções possíveis para o problema, e destacamos que há algumas razões para preferirmos a abordagem parsoniana. Em primeiro lugar, ela é de fato imune ao paradoxo, enquanto que a de Dowty parece ainda gerar o paradoxo. A proposta de Parsons é teoricamente mais econômica, não precisando de uma semântica de mundos possíveis. Finalmente, mostramos que ela consegue captar melhor as intuições dos falantes na medida em que permite que haja sentenças no progressivo avaliadas negativamente. Como vimos, para Dowty as sentenças progressivas acabam sempre sendo verdadeiras. Neste capítulo procuramos também mostrar que nenhuma dessas duas soluções consegue descrever o uso habitual do progressivo. Esse é, sem dúvida, outro tópico que merece ainda ser estudado.

A primeira conclusão mais forte é a seguinte: não importa se é em PB ou em francês, as leituras cursiva e habitual estão presentes quer seja através da perífrase *estar + ndo*, ou do presente simples ou ainda do *être en train de*. Deste modo, nossas hipóteses são as seguintes. Dadas as sentenças:

(138) Jean travaille / Jean est en train de travailler.

(139) João está trabalhando.

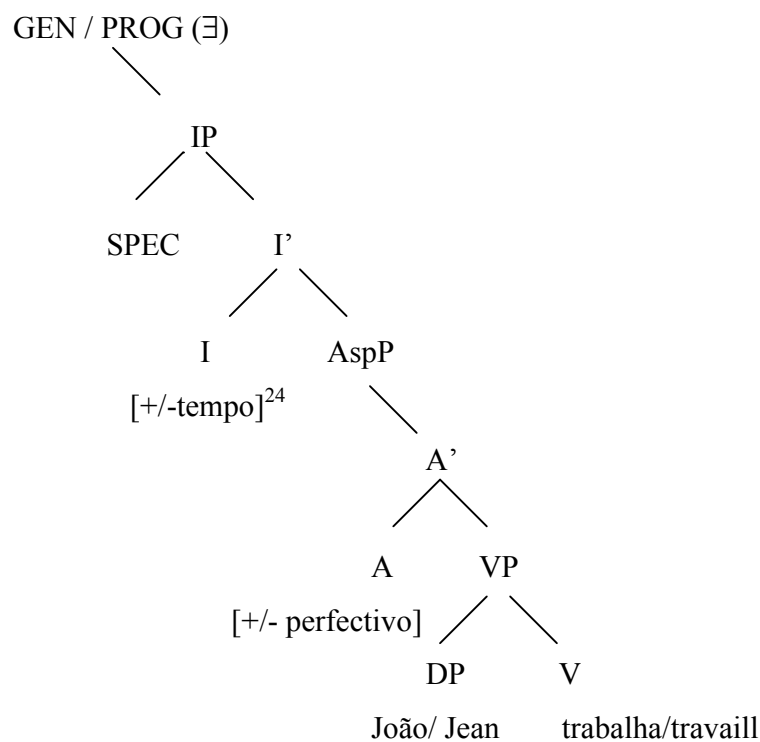
Se quisermos explicar as sentenças (138) e (139) como cursivas, podemos lançar mão de uma hipótese de combinação de traços semânticos: podemos imaginar que elas carregam o traço [- perfectivo] por causa, em um caso, do presente simples e em outro da perífrase.

Esse traço vai estar presente também na leitura habitual. Está, portanto, atrelado aos itens lexicais em questão. A leitura cursiva exige além deste traço um traço de tempo, algo como [+ tempo]. Neste caso, a sentença está sobre o escopo de um operador existencial (\exists), que fecha a variável de evento e caracteriza apenas um evento do tipo *trabalhar*, o evento em PROG. Porém, se quisermos caracterizar esta mesma sentença com leitura de um hábito, o traço [- perfectivo] irá se combinar com uma ausência de tempo ([- tempo]), indicando que agora estamos diante de sentenças que apresentam somente aspecto; neste caso podemos supor que elas estarão sob o escopo de um operador genérico (GEN)²³, que opera sobre a variável de situação, caracterizando uma repetição desta situação.

Podemos propor uma derivação semântica como a apresentada nas árvores abaixo. Vamos salientar, no entanto, que se trata de uma hipótese que não tivemos tempo para aprofundar e fica para um próximo trabalho:

²³ Este operador, tratado por Krifka et al. afirma o seguinte: GEN (s) – se uma situação é genérica e se (s) é uma situação normal de trabalhar, então João trabalha em (s).

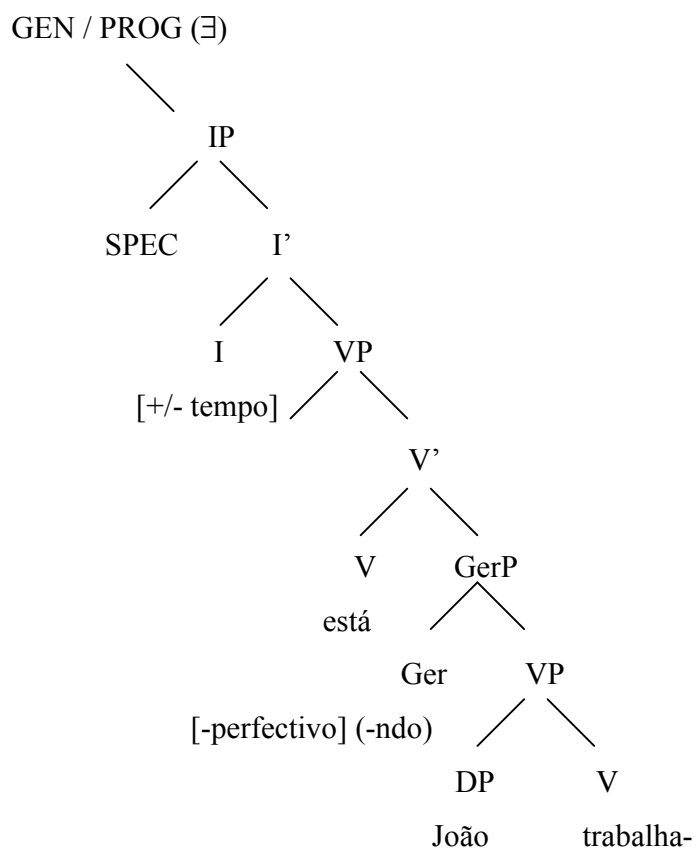
(140) João trabalha./ Jean travaille.



Para a sentença (139) a mesma interpretação valeria, pois estamos diante das duas leituras (cursiva e habitual) novamente. A diferença entre a leitura habitual do PB e do francês, como já comentamos anteriormente, parece estar no fato de que em PB exista uma pressuposição de que o evento não acontecia antes. *João está trabalhando* com uma leitura habitual não é sinônimo de *João trabalha*. E parece mesmo que esta diferença só pode ser captada via pressuposição.

²⁴ No nóculo referente ao tempo (IP) podemos trabalhar com a característica [+/- finito], ao invés de [+/- tempo].

(141) João está trabalhando.



O quadro abaixo tenta resumir em poucas palavras o que vimos até aqui:

INTERPRETAÇÃO CURSIVA:

- ✓ mostra o evento em curso, em progressão
- ✓ pode se referir a um ou mais eventos
- ✓ fechada pelo operador existencial (∃)
- ✓ caracterizada pelo operador PROG

INTERPRETAÇÃO HABITUAL:

- ✓ mostra a repetição de um evento em aberto
- ✓ nunca se refere a apenas um evento
- ✓ fechada por um operador genérico (GEN)
- ✓ opera sobre a variável de situação

Estamos longe de uma culminação para este trabalho. Ao nosso ver, ele está apenas em curso, em progressão. Mas de qualquer forma uma contribuição é deixada. A primeira delas pelo fato de ser uma comparação inédita. E como resultado desta comparação, podemos dizer que o presente simples em francês é a forma que mais se aproxima da perífrase *estar + ndo* em PB. O uso do *être en train de* parece ser bem mais restrito a algumas situações. Além de ser uma contribuição para as pesquisas mais teóricas em semântica, estudos como o que realizamos podem auxiliar no ensino da língua francesa para estudantes brasileiros, uma vez que vão a fundo na busca pelo significado de cada sentença e procuram salientar as diferenças e semelhanças entre as línguas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BÉRARD, Evelyne & LAVENNE, Christian. *Grammaire Utile du Français – Mode d'emploi*. Hatier – Didier, Paris. 1991.

BERTINETTO, Píer Marco. *The progressive in Romance, as compared with English*, 2000 (manuscrito).

CASTILHO, Ataliba. *Aspecto Verbal no Português falado*. USP. 1994 (mimeo).

CHIERCHIA, G. *Introdução à Semântica Formal*; Tradução Luiz Arthur Pagani, Lígia Negri, Rodolfo Ilari – Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Londrina, PR: EDUEL, 2003.

COMRIE, Bernard. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge Textbooks in Linguistics, 1976.

COSTA, Sônia Bastos Borba. *O aspecto em Português*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997.- (Repensando a Língua Portuguesa).

DAVIDSON, Donald. *Essays on action and events*. Oxford: Carendon Press, 1967.

DOWTY, David. *Toward a semantic analysis of verb aspect and the English 'imperfective' progressive*. Linguistics and Philosophy. Vol. 1. 1977.

FRANCKEL, Jean-Jacques. *Etudes de quelques marqueurs aspectuels du français*.

Librairie Droz S.A, Genebra, Suíça 1989

GREVISSE, Maurice. *Le Bon Usage*. 10^a edição. Belgique: Duculot, 1975.

ILARI, Rodolfo e MONTOANELLI, Ivone. *As formas progressivas do Português*.

Cadernos de Estudos Lingüísticos, UNICAMP. São Paulo. Vol. 5 (27-60). 1983.

ILARI, Rodolfo. *A Expressão do tempo em português*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997. –

(Repensando a Língua Portuguesa).

----- *Introdução à Semântica: brincando com a gramática*. 3 ed. – São Paulo: Contexto, 2002.

KRATZER, Angelika. *Individual level and Stage level predicates*. . in: Carlson, G. N & F. H. Pelletier (eds) *The Generic Book*_ Chicago: the University of Chicago Press, 1995.

KRATZER, Angelika. *Verb meaning, The event argument* (mimeo). 2000.

KRIFKA, M., et al. *Genericity: An Introduction*. in: Carlson, G. N & F. H. Pelletier (eds) *The Generic Book*_ Chicago: the University of Chicago Press, 1995.

LAURENDEAU, Paul. *Moment de l'énonciation, temps de l'énoncé et ordre de procès*.,

Universidade de York, CANADA, 1998. (www.yorku.ca/paull/articles)

MONNERIE, Annie. *Le français au présent – grammaire*. Les Éditions Didier, Paris, 1987.

MORTARI, César A. – *Introdução à Lógica* – São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado. 2001.

PARSONS, Terence. *Events in the Semantics of English. A Study in Subatomic Semantics*. Cambridge: MIT Press. 1990.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. *Semântica formal: uma breve introdução*. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. (Coleção idéias sobre a linguagem).

PIRES DE OLIVEIRA & GALLOTTI, *Apontamentos sobre a semântica do 'direto'*. – Programação e resumos IV Celsul, UFPR, Paraná, 2001.

PORTNER, Paul. *The progressive in modal semantics*. Language, volume 74, 1998.

VENDLER, Zeno. *Linguistics in philosophy*. Ithaca (NY): Cornell University Press, 1967.

VERKUYL, H.J. *A theory of aspectuality: the interaction between temporal and atemporal structure*. Cambridge University Press. 1993.

WACHOWICZ, Teresa Cristina . *As leituras aspectuais da forma do progressivo do Português Brasileiro*. Tese de Doutorado, USP, São Paulo, SP, 2003.